

UM NOVO BRASIL ESTÁ NASCENDO

Roberto Stuckert Filho

Lula anuncia R\$ 1,7 trilhão em investimentos para reconstruir a economia, reduzir a desigualdade e promover mais empregos e renda

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 21 de Agosto de 2023 Nº 109

Elisa Lucinda celebra o novo momento da sociedade brasileira

Delgatti diz que Bolsonaro pediu a ele para fraudar as urnas

Lula sinaliza compromisso com a Marcha das Margaridas

Casa Rosada: 'Bolsonaro da Argentina' assusta o mundo

Morrem José Murilo de Carvalho e a atriz Léa Garcia

focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Bia Abramo,
Fernanda Estima, Guto Alves, Isaías Dalle,
Nathalie Nascimento, Olímpio Cruz Neto,
Paulo Chagas e Pedro Camarão



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva
Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,
Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar,
Arthur Chioro, Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira
dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eleonora
Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de Castro, Esther
Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade,
Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco José
Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Lais Abramo,
Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura,
Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,
Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,
Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,
Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),
Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia
e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves
das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França
Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas
(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane
Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo
(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína
Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),
Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio
Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares
Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),
Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e
Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

NESTA EDIÇÃO

NOVO PAC É CAMINHO PARA UM NOVO PAÍS

No Rio de Janeiro, ao lado da presidenta do NDB, Dilma Rousseff, Lula e os ministros anunciam um pacote de R\$ 1,4 trilhão em investimentos para gerar emprego e dar impulso à economia. O Novo PAC prevê 12,5 mil obras e projetos em mais de 4 mil municípios brasileiros

Página 11

ENTREVISTA. A atriz Elisa Lucinda fala sobre o novo momento que o país vive

Página 4

ESCÂNDALO. Jair Bolsonaro é apontado como o mandante da venda ilegal de jóias

Página 14

ATAQUES. Delgatti conta à CPI que recebeu de Bolsonaro ordem para fraudar urna

Página 16

REFORMA AGRÁRIA. Lula assina decretos que retomam assentamentos de sem-terras

Página 18

BARBÁRIE. Mãe Bernardete é assassinada com tiros no rosto em quilombo na Bahia

Página 21

NAZISMO. Reportagem do 'Financial Times' mostra o crescimento do extremismo no Sul

Página 22

ARGENTINA. Candidato da extrema-direita vence eleições primárias e assusta o mundo

Página 25

MEMÓRIA. Em 24 de agosto, Getúlio cometia suicídio e adia por 10 anos o golpe de Estado

Página 27

LITERATURA. O romance de Joca Terron e a reedição de uma obra de Sérgio Rodrigues

Página 34

LUTO. O Brasil se despede do historiador José Murilo de Carvalho e da atriz Léa Garcia

Páginas 36 e 38



MILEI E A REALIDADE DISTÓPICA

Alberto Cantalice

A vitória, mesmo que por pequena margem, nas primárias argentinas do ultraliberal Javier Milei demonstra cabalmente que “outsiders” vêm crescentemente ganhado espaço nas disputas eleitorais. Não é um fato isolado.

A persistente liderança de Donald Trump para o pleito eleitoral dos Estados Unidos de 2024 aponta o grau de dissociação com a realidade de várias parcelas das populações.

A série de imputações criminosas enfrentadas por Trump, longe de atrapalhar sua caminhada de volta à Casa Branca, parece turbinar suas pretensões.

É fato cada vez mais notório de que o motor que põe em movimento essa escalada distópica são as crises econômicas motiva-

das pela financeirização do capital, a quebra de direitos sociais e a falta de perspectivas de futuro para um crescente número de jovens.

A uberização do mundo do trabalho amplia o sentimento individualista criando uma falsa ilusão de que, para o trabalhador precarizado, mas que se considera empreendedor, as burocracias e os custos da manutenção do Estado dificultam sua vida e aumentam seus custos.

É essa ideologia que as forças dos mercados via plataformas digitais tem construído no imaginário das pessoas.

Os setores progressistas mundo afora estão tendo sérias dificuldades para enfrentar esse estado de coisas. Ao passo que compreendem que na fase atual do capitalismo e de sua face neoliberal e ultraliberal não há caminho, claudicam na construção

de uma iniciativa que, juntando Estado e mercado, possam abrir novas alternativas.

É mais que urgente a necessidade de se mudar a nova matriz energética do mundo. O crescente apoio às pautas ecológicas, do antirracismo, da lgbtfobia, da misoginia e contra o capacitismo ajudam a reposicionar as esquerdas. Todavia, só essas pautas não resolvem. É preciso taxar o capital em escala internacional. É urgente uma nova concertação ao estilo Bretton Woods de 1944, organizada pela ONU, para resolução dos graves problemas econômicos que assolam a humanidade.

A ausência de ações efetivas para eliminar a pobreza e a miséria é o terreno fértil para Mileis, Trumps, Bolsonaro e outros que, como vermes, se espalham pelos tecidos sociais causando estragos permanentes. •

“UMA NOVELA COM MAIORIA PRETA? ESTOU VIVENDO UM SONHO, É UMA COLHEITA”

Sucesso em ‘Vai na fé’, a atriz, poetisa e escritora conta as mudanças na teledramaturgia, comenta o cenário de esperança que o país está vivendo desde janeiro e fala sobre projetos sociais. “Durmo agora com conforto emocional que me faltou nos últimos anos. Alguém está cuidando do país”, aponta

Bia Abramo e Guto Alves

Você perguntou se eu tenho esperança? Eu não tenho esperança, estou vendo na prática”. Esta é apenas uma das frases que Elisa Lucinda, poeta, atriz e ativista dos direitos humanos, soltou entre gargalhadas em entrevista concedida à revista Focus Brasil. Apesar de ter vindo diretamente do velório do colega ator e dramaturgo Aderbal Freire Filho, Elisa recebeu a reportagem com bom humor e muita disposição para quem, como ela, está enfrentando uma maratona de entrevistas.

A razão dessa agenda cheia responde pelo nome de Dona Marlene, a personagem que Elisa encarnou na novela “Vai Na

Fé”, exibida pela Globo até a última semana – para se ter uma ideia, a reprise da madrugada teve mais público do que toda a grade do SBT.

Com 80% do elenco negro, inclusive o casal protagonista formado por Sheron Menezes e Samuel Assis, e com um fortíssimo núcleo evangélico, suburbano e feminino, a novela dirigida por Paulo Silvestrini e escrita por Rosane Svartman atingiu vários nervos da sensibilidade do público.

E Dona Marlene, a matriarca de uma família quase que exclusivamente formada por três gerações de mulheres, não apenas caiu nas graças daqueles que assistiram à novela. Foi também a oportunidade para que Elisa desenvolvesse

uma personagem com uma jornada forte e delicada ao mesmo tempo. De início, uma sexagenária viúva enfiada em casa e na igreja, ela se libertou, abriu seu negócio e até voltou a namorar, ao passo que apresentou uma personagem evangélica em oposição ao imaginário que se centraliza no fundamentalismo religioso.

O êxito da novela, no entanto, não afastou Elisa de outras das suas numerosas atividades: poeta com vários livros publicados e ativista tanto na área da cultura – ela é fundadora da Casa Poema, dedicada à arte e à educação – como na da defesa dos direitos humanos, sobretudo à luta antirracista e feminista. Em Marlene, Elisa pode viver intensamente sua crença,



mesmo sendo outra a sua religião – em sua casa, a atriz tem orixás e oferendas, além de plantas de estimação e proteção.

Atenta ao tempo, a artista acompanha firmemente a conjuntura política e faz parte do grupo de influenciadores formado para auxiliar o governo nas redes. “Vejo CPI como quem vai ao melhor filme em cartaz. Eu sou uma brasileira que sempre gostou de colaborar com os avanços do meu tempo e trabalho muito na micropolítica do cotidiano”, afirma. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

Focus Brasil – Você não fazia novela há alguns anos e agora retornou em uma produção que bateu recordes de audiência e conquistou o público. Estava nos seus planos retornar às telenovelas? Foi uma surpresa ou você esperava tanto sucesso?

Elisa Lucinda – Eu juro que quando recebi o convite, identifiquei

imediatamente como colheita. Como colheita, porque quando eu vi que era uma novela que se propunha a ter 80% do elenco negro, eu falei ‘uai esse negócio aí eu sonhei, trabalhei para isso acontecer’. Eu sempre gostei de bons convites para o audiovisual, sempre considerei uma vitória, numa sociedade racista, quando um ator negro é convidado para fazer um bom papel. É uma vitória, porque a gente ficou restrito a papéis sempre subalternos, aquilo que a gente já sabe. Mas eu estranho um pouco quando as pessoas falam isso de voltar para a televisão. A televisão é um dos lugares onde a gente trabalha. Nos dois primeiros anos antes dessa novela, eu fiz acho que 10 filmes, sabe? Eu tinha criado um ‘plano B’ para o racismo dentro do nosso meio, que foi meu plano A. Eu sempre estou em cartaz, eu sempre estou publicando um livro, eu sempre estou fazendo um espetáculo de

uma obra, de uma coisa de Adélia Prado, por exemplo, para não parar. Eu tenho meus projetos e boto eles em cena. Quando veio esse convite [para a novela], falei ‘Uau! Olha aí, tá chegando minha utopia’. Porque veio um pacote. Sabe? A Carolina Dieckman com um par preto, só isso já é diferente. É esse casal entrando na sala das pessoas. E na novela tem o Theo, da família branca, uma família, do ponto de vista afetivo, é uma família roída do ponto de vista afetivo, da textura daqueles espíritos ali é uma família desmoronada. E a nossa família era que era a família do corre, uma família riquíssima de amor e de não baixaria. Não aconteceu nenhuma baixaria dentro da casa da Marlene, ela não deixava. Então isso para mim é uma coisa que sonhei por muito tempo. Eu adorei ser convidada, com um respeito incrível pelo Paulo Silvestrini e pela Lu Moraes, que foi a caracterizadora que fez meu cabelo todo – to-

dos os cabelos da Marlene foram referenciados na Viola Davis, nos personagens da Viola. Tinha esse quadro imenso na sala de caracterização, então é um cuidado. Tinha um cuidado imenso na novela, já sabia da alopecia [a personagem sofreu de alopecia, condição que causa perda de cabelo, que atinge em especial pessoas negras que passam anos alisando e utilizando produtos químicos para atender a padrões de beleza, outra questão abordada na novela com grande impacto] que peruca que ela ia usar se meu cabelo não estivesse como estava, na altura que a gente quis. Eu dediquei essa personagem a grandes atrizes que vieram antes de mim e que não tiveram oportunidade nem de ser mocinha como eu, a mocinha da novela, ainda bem que agora a gente pode ser mocinha mais velha né? [risos] Grandes atrizes negras passaram a vida perguntando “Mais café, doutor Jorge?”, “É para tirar o carro, dona Helena?”. Eu dediquei a Marlene a essas pessoas, por elas eu estou aqui, sabe. É bonito.

– Na reta final a novela chegou a bater a novela principal da grade da casa, “Terra e Paixão”. Você mencionou os personagens e o elenco negros, com revelações incríveis, como a Clara Moneke.

Quais elementos contribuíram para o sucesso da novela?

– A genialidade de Rosane Svartman. Ela tem uma antena afinadíssima para a contemporaneidade, ela é muito sensível. A família dela é envolvida com o Nós do Morro [grupo de formação teatral criado no Vidigal em 1986], que gerou aqueles vários atores pro filme “Cidade de Deus” (2002). É um tema que já era sensível a ela e ela não foi nada arrogante. Tinha diretor negro na novela, tinha três roteiristas negros no seu grupo de roteiristas. Falando assim parece só um detalhe, mas o que acontece é antes tinha só branco escrevendo, só

tinha a narrativa clássica, do ponto de vista do branco. Mesmo eu não sendo uma pessoa que tem uma história de vida na comunidade, de infância na favela, minha história é outra. Eu fui criada na classe média, meu pai tinha motorista, então é outra história, mas minha circulação é de uma mulher negra. Onde eu ando, sou a única mulher negra. A mulher negra do colégio, a mulher negra do prédio... A mulher negra de vários encontros brancos e em vários círculos. Então, o que eu tenho para contar da vida não são as mesmas coisas

MESMO NÃO SENDO UMA PESSOA QUE TEM UMA HISTÓRIA DE VIDA NA COMUNIDADE, É A MESMA HISTÓRIA. MINHA CIRCULAÇÃO É DE UMA MULHER NEGRA

que você tem para contar, mesmo que a gente seja de uma classe social, digamos, privilegiada. Por isso que faz diferença quando um preto é narrador. É nesse lugar que a novela ganhou. São detalhes que fizeram a diferença. Em tudo, até em coisas que já deviam ter no Brasil, como, por exemplo, dizer “Espera aí que vou fazer xixi, depois você me conta”. A coisa mais simples, mais real, mais brasileira, esses pequenos toques que tinha na novela. Detalhes encantadores de uma pegada muito coloquial.

Essa é a pegada que Paulo Silvestrini queria e é a minha onda como intérprete, como atriz. O que eu gosto é disso, da precisão, da coloquialidade. Já faço isso com a poesia há muitos anos. E era muito confortável ter também um figurinista, um assistente de figurino preto, tudo isso mexeu no nosso visual. Mexeu porque é isso mesmo. Ou a gente faz isso ou vai ficando só a visão de uma bolha. Essa novela experimentou e ousou. Eu fiquei chocada de a novela falar de abuso sexual no horário das sete, de diversidade sexual, sabe, tinha dois casais homoafetivos, teve estupro de vulnerável. Foi um sucesso quando passou a cena em que a personagem entende que aquilo foi abuso. Isso libertou milhões de mulheres. Eu lembro que em casa eu vi chorando, eu já tinha lido a cena no capítulo, mas quando eu vi, chorei. Chorei fundo. Quantas histórias que eu conheço da menina que bebeu demais e fica depois culpada porque aconteceu uma merda e ela não lembra? Falar isso às sete horas... E para surpresa do Brasil encheu de marcas anunciando, algumas que nunca tinha visto anunciando em novela das sete. E foi uma loucura de faturamento! Eu fiz muitos, eu adorei. E tinha uma coisa interessante, o texto muito bom e a novela tinha uma pegada de realidade. Por exemplo, aquele Theo é um perigo, aquele vilão, ele é encantador, canta as músicas que a gente gosta, sabe as letras que a gente ama e ele é um manipulador.

– Sabemos de todo o sucesso, a representatividade, o fenômeno que foi a novela, mas ela não se encerra em si, ela quebra barreiras do audiovisual, como você mesma diz, e protagoniza o ator preto, a atriz preta, as personagens. Como você resumiria o impacto da novela na sociedade brasileira?

– A novela representou, sobretudo representou, mas imagina, eu fiz uma personagem evangélica e eu não tinha me dado conta de que existe uma Dona Marlene em cada esquina do país, que faz e vende quentinha se precisar. E aí eu comecei a olhar para essas mulheres e eu comecei a representar elas de alguma forma. Uma evangélica, o país super evangélico que nós estamos vivendo, então eu acho que é um conjunto de acertos que a novela tem. E outra coisa, a equipe de escritores, com a Renata Sofia, Pedro Alvarenga, Fabrício Santiago, Mario Viana e a Rosane Svartman [também integrou a equipe a roteirista Renata Corrêa], eles iam a passear no set de filmagens, aquela tropa dos autores ia muito no set, não era longe a sala, era do lado. Estavam com a gente e viam a cena que eles tinham escrito. Eu sou de uma época que havia uma mística em relação ao autor, vivia isolado. Lógico que é um conjunto de acertos. E outra coisa que encantava muito na novela foram os cliques. Todos os personagens cantando a mesma música, passa por todos os núcleos, acho uma ousadia incrível, encantadora. Eu acho que na história a gente vai poder provar melhor do que a gente tá tentando explicar agora, agora a história tá acontecendo, fica mais difícil de ver, mas eu acho que um país com 56% de preto, essa novela caiu de madura. E já era tempo. Sabe, ver os amigos meus que são Uber, que eu conheci, e as pessoas falam “olha, eu agora assumi um trabalho, mas de sete e meia às oito e meia eu quero ver a novela”, os caras começaram a ver novela. Outra coisa, foi um escândalo o horário de 1h30 da manhã, estou sem os números [a reprise da madrugada de Vai na Fé teve mais público do que toda a grade do SBT, segundo o Notícias da TV], mas foi uma raridade. Então, são vários fatores mesmo. O Paulo, diretor, maravilhoso, a Cristina

Moura que é negra, foi nossa preparadora, é maravilhosa. Eu acho que deu um molho diverso que é o que a gente é, é o que brasileiro é, é do que a gente é composto e isso apareceu na obra.

– A mesma emissora começou a reapresentar a novela “Mulheres Apaixonadas”. E é curioso porque é uma novela de 2002, onde você também tem um papel interessante. Apesar de a novela tocar em alguns temas do cotidiano como violência contra a mulher, é, na minha avaliação,

**DEPOIS QUE EU
ENTENDI QUE
É QUASE UM
CONSENSO, TODOS
ELES CHAMAM A
GENTE DE DOIDA,
PRINCIPALMENTE
QUANDO VOCÊ ESTÁ
DESCONFIADA**

uma novela elitista. Como é que você avalia as mudanças de mentalidade e de sensibilidade do público de lá para cá?

– É uma pergunta extremamente boa de responder, porque eu, nesses 20 anos também me ressignifiquei nesse lugar, mesmo sendo uma ativista, talvez por isso mesmo. Por exemplo, agora fui revisar o meu livro “Parem de falar mal da rotina”. Fiz uma segunda edição depois de 10 anos, a primeira teve uma tiragem de 20 mil exemplares e desapareceu das livrarias, mas aí

teve uma confusão de contratos, eu encerrei meu contrato com a LeYa e o livro ficou parado. Há quatro anos, a Record comprou os direitos do livro e queria muito publicar, e propus que eu mesma fizesse uma revisão [o livro foi publicado pela Record em junho, em edição revista]. Nessa revisão, descobri coisas que eu mesma tirei, que me pareceram a mim... Eu me vi gordofóbica numa expressão que eu usei, tem palavras que não tinham na primeira versão, por exemplo, assédio e que agora tem. A gente sempre sofreu assédio, mas não tinha ou não usava a palavra assédio. Se saísse na noite e um homem passasse a mão no seu cabelo, era normal, assim, podia não gostar, mas a gente não reagia na época ou você podia brigar com o cara, mas não tinha para onde ir, acabava ali. O máximo que dava era uma briga entre os donos, entre as mulheres, os namorados, o marido. Tudo isso mudou muito. A cada hora a gente descobre uma camada do machismo. Ontem no salão de beleza com quatro mulheres, cada uma numa função, montando cabelo, contando histórias de que o marido chegou e trocou o nome da criança na hora de registrar. Eu conhecia essas histórias, mas nunca tinha juntado o autoritarismo a elas. É uma traição, é uma sacanagem sem tamanho: a mulher está lá, parturiente, tem o seu neném, combina como o seu filho vai chamar Magno, e o cara chega no cartório e bota Gabibol? Eu não sabia que era “epidêmico”, ou seja, é um comportamento que existe sistematicamente. Outra coisa que eu descobri nesses últimos 20 anos é esse negócio de chamar a pessoa de doida. Eu não percebia como uma ação da formação do machista. Depois que eu entendi que é quase um é um consenso, todos eles chamam a gente de doida, principalmente quando você está desconfiada que ele está com ou

tra, ou qualquer outra coisa desse tipo. Meu feminismo foi descobrir que falam isso para qualquer menina, de qualquer idade, de menina a mulher velha. Ou a ameaça de é quem vai querer ficar com você: toda mulher conhece a história que é aquele cara quem vai te valorizar e aí te prender e manipular, mesmo que a relação esteje ruim. São novos caminhos. Nesses 20 anos, a gente aprendeu, melhorou, por isso que ficaram defasadas as histórias de “Mulheres Apaixonadas”... Não por que elas fossem ou não apaixonadas, mas todas estavam em relações muito ruins, né? O José Mayer como galã irresistível, mais velho: uma mulher não estaria naquela posição. Ainda tem uma questão muito forte de etarismo com o feminino. A própria Lei Maria da Penha evoluiu muito: não é hipérbole da minha parte, o Alexandre de Moraes e mais a turma lá do STF proibiram o uso da legítima defesa da honra... Confesso que achei que isso não existia mais, para mim era obsoleto. Havia uma atitude de costumes nesse feminicídio todo, mas eu não sabia que ainda havia amparo legal. A nova geração de mulheres vem muito dona do seu corpo. Elas sabem as marcas dos melhores brinquedos sexuais, mesmo tendo uma vida sexual ativa, alegre e feliz, mas tem uma coisa do autoconhecimento, de autovalorização. Tem uma coisa nova acontecendo, que a gente não está ainda enxergando direito tudo o que está acontecendo, mas assim que passar a gente vai entender melhor. Para mim, é um novo tempo. E também do ponto de vista do antirracismo. Nunca vi esse assunto ser tão bem escutado pelos meus amigos brancos intelectuais e pela população em geral. Eu falo disso há muitos anos, mas nunca vi um ouvido tão aberto como hoje. As pessoas também não estão querendo errar, estão descobrindo seu racismo. Sempre

convido meus amigos brancos a revisitar esses lugares, porque o mundo todo avançou e nós, mesmo no Brasil, nossa consciência nesse lugar avançou muito. Sei lá, eu sou meio poliana, então eu tenho sempre uma altíssima reserva de esperança.

– Você mesmo chegou a chamá-la de um marco, de um novo paradigma para a telenovela. E veio no ano que um novo governo assume, substituindo um governo autoritário, cercado de escândalos. A gente pode sonhar de novo?

**NUNCA VI UM
OUVIDO TÃO
ABERTO COMO
HOJE. AS PESSOAS
TAMBÉM NÃO
ESTÃO QUERENDO
ERRAR, ESTÃO
DESCOBRINDO SEU
RACISMO**

– Eu não tenho dúvida nenhuma. Durmo agora com conforto emocional que me faltou nos últimos anos. Alguém está cuidando do país. Já abaixou a carne, já está uma vida mais viável. Tem um cara ocupado com o país. Lula é um bicho de política, mas é, sobretudo, um cara extremamente patriota – ele, sim. Muito focado estrategicamente em reconstruir a união, reconstruir o país. Ele começou bem, viajou muito para reconectar o Brasil ao mundo, porque o Bra-

sil tinha virado um pária: o Brasil era um cara sem máscara em plena pandemia comendo pizza na rua. O Lula não, ele foi organizar o jogo lá fora para a gente ter estrada para ir e também está botando ordem aqui dentro ao mesmo tempo. A PF voltar a ser a PF de novo, independente, a mesma PF que investigou o próprio Lula, ninguém pode esquecer disso. Tem então toda uma felicidade que eu tô adorando. Vejo CPI como quem vai no melhor filme em cartaz. Você perguntou se eu tenho esperança? Eu não tenho esperança, estou vendo na prática. A Margareth Menezes entrou muito bem, Silvío Almeida também, eu estive com os três, inclusive. Tenho participado, de alguma maneira, de fora, sou do grupo de influenciadores digitais, a gente terá uma reunião aqui no Rio em breve. Eu sou uma brasileira que sempre gostou de colaborar com os avanços do meu tempo e trabalho muito na micropolítica do cotidiano. Eu nunca fui filiada a partido nenhum, mas há muitos anos eu tenho uma parceria com o PT, que é o partido que está sempre mais perto da minha ideologia. Eu sou de esquerda. O que eu quero dizer é que um governo que se pode dar uma sugestão, você pode chegar lá e ser escutado. Tem lá também um cara que adoro, o Fabiano Piuba, que que é o Secretário do Livro e da Leitura, maravilhoso, trabalhou com Camilo Santana. Você volta a ver gente boa, não é um governo cheio de militar. É cheio de gente competente nos lugares certos. Apesar do esquema de trocas que tem que ter, de cargos e partidos. A gente conseguiu avançar na saúde, que não tinha, estamos cheios de editais, que haviam sumido. Tem uma parceria do Ministério da Cultura com a Educação, que era minha utopia. Vai ter teatro, dança e música nas escolas públicas. Isso para mim é a melhor notícia – o teatro me ensinou tudo. E educa-

ção musical: quando você faz isso, você faz uma inclusão. Por que que o cara só vai tocar em orquestra se for do Leblon? Por que que só vai aprender balé se tiver dinheiro? Isso é uma exclusão de conteúdo por conteúdo, o que o capitalismo associado ao racismo faz. Você aí você pega um cara que estuda numa escola pública e não sabe nada ou um cara que aos 14 anos tem que deixar a escola, atravessar a cidade de noite porque tem que trabalhar de dia para sustentar os irmãos. E aí tem um outro menino, seu similar rico que tem 14 anos e está escolhendo onde vai ser seu intercâmbio. Quem vai fazer essa justiça é política pública. Enfim, eu estou muita notícia boa. A gente respira de novo.

– Você tem uma trajetória de ativismo cultural e político muito forte. Há anos você trabalha, por exemplo, com a Organização Internacional do Trabalho. Conta pra gente um pouco qual foi esse seu caminho no ativismo.

– Eu venho de uma família que sempre defendeu a educação. Meu pai era um cara muito diferenciado e fez uma ascensão social e econômica da família. Filho de operários falando: “Lá em casa vai ser todo mundo intelectual, que esse vai ser o passaporte”. A educação é o passaporte dos negros, ele tinha essa ideia. Todos os cinco filhos fizemos universidade pública, passamos todos bem colocadíssimos: tem médico, engenheiro, psicanalista, outro advogado. Meu pai, depois que se casou, se formou em advocacia e fez uma carreira linda, virou superintendente da Vale do Rio Doce. Na minha casa se discutia política e se praticava política: não podia dar de comer nada na frente de ninguém sem oferecer; se eu estou comendo pão com café, chego alguém eu tenho que oferecer. Principalmente se fosse um alguém que estivesse prestando

um serviço, não podia tratar mal de jeito nenhum, a ninguém, principalmente o empregado. Não podia chegar em casa com nada que não tivesse procedência não explicada e olhe lá, muitas vezes tinha que devolver. “Por que o professor te deu esse apontador? Você já tem o seu”. A gente tinha, naquela casa no subúrbio lá em Itaqui, Espírito Santo [distrito do município de Cariacica], nos arredores da grande Vitória, era, por exemplo, a casa que tinha e ele te dava o número da casa pro povo deixar recado, pra todo mundo usar. Quando eu dizia: “adoro

A VISÃO DA SOCIEDADE- COMUNIDADE SÓ DEPOIS EU SOUBE, NÃO SABIA QUE ERA SER DE ESQUERDA. ERA PARA MIM UMA VISÃO AMOROSA DO MUNDO

quando chove, esse baruhinho da chuva”, ele falava, “pois é, minha filha, mas tem gente que não tem casa, que mora no barraco e tá todo furado o teto”. Tinha consciência social. Essa visão da sociedade-comunidade só depois eu soube, eu não sabia que isso era ser de esquerda. Era para mim uma visão amorosa do mundo. Meu pai era ateu, mas gostava de Jesus. Cristo filósofo vivo que brigou com Roma. E a igreja dele hoje virou um negócio, tem

até banco. Como que a igreja de Pedro virou isso? Meu pai falava, como que a igreja de Pedro, que era o pescador, virou Vaticano? Então, fui criada com esses pensamentos, e você nem nota. Minha casa também era muito musical: minha mãe cantava, tocava muito. Tive aulas de poesia, com uma professora linda, minha querida Maria Firmino a quem eu chamo de mãe da minha poesia, muito lúcida. Minha mãe me levou para uma declamação de poesia lá em Vitória quando eu tinha 11 anos e me deixou com ela. Toda semana, eu tinha aula na casa dela e ela me apresentou a biblioteca dela, a biblioteca do céu: tinha Fernando Pessoa, Mario Quintana, os modernistas todos. E ela falou: essa biblioteca aqui toda, que é minha, é sua se você quiser, pode ler o que quiser. Ela me fez chegar aos 17 anos sabendo 30 poemas de cor do Drummond, mais outros tantos de Manuel Bandeira, da Cecília Meirelles, que eu sei até hoje, Olavo Bilac... Quando eu cheguei no Rio, já me associei ao movimento negro dentro da universidade, já fui para as disputas do diretório acadêmico. Chamavam meu grupo de esquerda festiva, porque a gente ria, e a esquerda àquela época era mais sisuda, parecia falta de seriedade. Fui me descobrindo melhor quando estive na universidade. Meu cabelo, antes eu alisava o cabelo, o que era uma contradição, mas que eu entendo hoje. Quando eu me tornei black power, eu achei que era uma contradição com aquilo que eu já vivia, já que meu pai era um quilombola, mas acontece que havia outro paradigma estético à época: hoje percebo que aquele cabelo alisado da minha mãe, meu pai muito alinhado sempre, usava linho mesmo, era um jeito de eles se protegerem do racismo. Um cabelo black só quem usava era mendigo da rua. E aquilo protegia a gente; olha, eles são

limpinhos, são bem cuidados, são bonitos, são chiques, elegantes. Dá até para dizer que era a forma de ser antirracista daquela época. Minha mãe era uma datilógrafa, no primeiro momento e depois ela virou professora de yoga, mas, quando era solteira, como ia conseguir emprego de cabelo crespo? Isso foi muito real, parece irreal hoje em dia, mas era assim. Teve essa construção, mas tudo em cima dessa educação revolucionária. Eu acho que meu pai era comunista também, era um cara ligado ao grupo socialista, ao grupo do Brizola. Quando teve a ditadura, eu lembro do meu pai queimando livros de noite no quintal, então a sua vida vai indo por um caminho de onde você olha o mundo, sabe? É isso.

– Nesse tempo de urgência, de loucura digital que a gente se meteu depois da pandemia, falamos por vídeo, estamos sempre no celular... Onde fica a poesia nessa urgência toda?

– Olha, essa não é uma questão para mim. Escrevo muita coisa pelo celular e muita coisa eu aproveito mesmo. Escrevo o tempo todo, e muitas vezes eu não posso fotografar, porque o meu celular está, sei lá, descarregado ou porque não está comigo e aí eu escrevo aquele poema, fotografo com a palavra. E eu adoro fazer isso. Meu celular hoje é o maior lugar onde mais tenho poesias escritas. Se você abrir meu bloco de notas, deve ter umas 800 notas das quais 90% são poemas. Com essa história de eu ter sido exposta à poesia muito cedo, aprendi que esse era um jeito de olhar a vida, uma lente. Comecei a escrever cedo, com 17, 18 anos. Eu tenho uma dinâmica assim: se se algo está me incomodando, eu escrevo, para poder entender. Quando eu ponho no papel, aquilo parece que faz um mapa e eu entendo melhor. Nem tudo

eu publico, mas eu escrevo. Ou seja, as telas não afetaram a minha escrita, pelo contrário. É uma merda que esteja todo mundo tão dependente do celular o tempo inteiro e preso ali conectado o tempo inteiro, é verdade, mas, por outro lado, nunca se escreveu tanto. Escrevemos o tempo todo, se digita, digita, digitamos as nossas conversas e talvez isso signifique que esteja acontecendo até o nascimento de vários escritores. Entendem que minha poliana não tem limites? Vejo que pode existir essa saída, porque minha poesia não sofre por isso. Eu escrevo, eu

NUNCA SE ESCREVEU TANTO. ESCREVEMOS O TEMPO TODO E TALVEZ ISSO SIGNIFIQUE O NASCIMENTO DE VÁRIOS ESCRITORES

não tenho sacrifício. Para mim, escrever, aliás, talvez seja a coisa mais inteligente que eu fiz na minha vida. Todo o dinheiro que eu ganho, vem de coisas que eu amo fazer, o que eu faria de graça, ainda me pagam. Aqui não tem nada que eu faça que eu não goste. Adoro dar aula de poesia falada, adoro fazer os trabalhos que eu faço com a OIT, que eu amo, que é dar aula para gente excluída, morador de rua, gente trans, tão excluídos que muitos

são expulsos de casa... Eu tenho muita honra de ter a Casa Poema, essa instituição que é parceira da OIT em vários projetos com o Ministério Público do Trabalho.

– O aluno que aprende a ouvir sua voz e aprende a expressar sua voz, ele vai longe...

– A partir do encontro com você, o aluno descobre essa chave, e aí pronto, está cumprido o papel. Eu ontem encontrei uma amiga antes de entrar no Criança Esperança, a atriz Alice Wegman – eu dei aula online para os atores da Globo na pandemia, um curso de poesia falada. Ela disse: “Você me ensinou uma coisa que eu nunca vou esquecer, aquilo me salvou. Você falou que o ator tem que saber quem ele é o mais rápido possível para que ele possa voltar quando acaba um personagem”. É que é um prazer quando um aluno te dá um feedback desse. Acho que essa sabedoria de ter trazido a minha vida toda para o meu querer, até o jornalismo que eu fiz eu não abandono, gosto de escrever meus artigos, cuido da minha carreira junto com a minha equipe, eu não sou uma aquela atriz mimada que não sabe fazer um check-in, com todo respeito, sem querer agredir ninguém, não é isso. É que eu, Elisa, gosto de todas as etapas do meu ofício. É o que mais quero. O dinheiro da minha casa, ele veio da minha poesia, do meu canto, da minha interpretação, da minha aula, isso tudo é lícito, isso tudo é uma habilidade que eu tenho inclinação para fazer, então flui de outro jeito. O Brasil tem um problema muito grande de escalação: você tem um cara que vai fazer medicina porque o pai é médico e já tem só até o consultório montado, mas ele queria ser DJ. E aí dá nesse estrago, em todos os setores, de se afastar da sua inclinação para fazer o que dá mais dinheiro. E isso é uma grande falha trágica. •

CAPA

NOVO PAC

DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE



INVESTIMENTOS NA VEIA

Lula lança no Rio um Novo PAC para retomar o crescimento, com injeção de R\$ 1,4 trilhão para tirar o país do atraso. São recursos que representam empregos, renda e obras públicas até 2026. Um projeto para fazer a diferença para o Brasil que precisamos

Depois do desastre do Golpe de 2016, que tirou Dilma Rousseff do poder e deixou o país com ainda mais desigualdade e fora da rota do crescimento, o Brasil volta a ter esperança de dias melhores. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou na sexta-feira, 11 de agosto, um grande programa de obras públicas que promete investimentos públicos e privados no valor de R\$ 1,3 trilhão – o equivalente a US\$ 287 bilhões. É a maior aposta de Lula.

“Não canso de repetir que um país precisa ter credibilidade, estabilidade e previsibilidade. O Novo PAC traz ainda mais credibilidade porque é transparente, porque tem mecanismos de gestão e acompanhamento por toda a nossa sociedade. Porque é baseado em experiências históricas que mostraram resultados concretos e transformadores”, disse.

O programa prevê obras nas áreas de infraestrutura, energia e transporte pelos próximos quatro anos e é parte de um esforço maior do governo para impul-

sionar o crescimento econômico e emprego na maior nação da América Latina. Desde a queda de Dilma e a ascensão da extrema-direita, o Brasil nunca mais voltou a crescer em níveis razoáveis, reduzir o desemprego e melhorar a vida da maioria da população. Agora, o combate à desigualdade é tema central para a política econômica de Lula.

“O Novo PAC mostra o Brasil que queremos ser, e como todos e todas poderão participar desse novo país. A grande força do Novo PAC, contudo, reside naqueles so-



VISITA A ex-presidenta Dilma Rousseff veio de Xangai para o lançamento do novo PAC, em solenidade realizada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro

nhos que são sua razão de existir. Sonhos individuais, como o de uma moradia mais digna, uma cidade mais segura e agradável, um bom emprego e um futuro melhor para os filhos”, destacou o presidente.

“Sonhos coletivos, como o de vencer a desigualdade e levar o Brasil a ocupar definitivamente o lugar que lhe cabe no cenário internacional. Sonhos que podem ser sonhados por todos nós, sem medo de serem grandes demais”, discursou o presidente, diante de uma plateia formada por autoridades, empresários e representantes da sociedade civil.

Os investimentos previstos no Novo PAC com recursos do Orçamento Geral da União (OGU) somam R\$ 371 bilhões. As empresas estatais vão injetar R\$ 343 bilhões. Haverá ainda financiamentos no valor R\$ 362 bilhões, com o setor privado apostando R\$ 612 bilhões. O Novo PAC prevê um total de 12,5 mil obras e projetos distribuídos em mais de 4 mil municípios brasileiros.

“Toda grande mudança histórica nasce dos sonhos de um povo. E os sonhos do povo brasileiro, manifestados em sua escolha nas eleições do ano passado, são os sonhos de uma vida melhor”, disse Lula. “Sonhos de superação

das desigualdades que há tantos séculos pesam sobre nossa sociedade. Sonhos de um emprego decente, de uma oportunidade para empreender”.

O Programa de Aceleração do Crescimento, conhecido pela sigla PAC, foi recebido com ceticismo por analistas econômicos e porta-vozes do mercado financeiro, que

R\$ 343 BI

é o valor dos investimentos que serão feitos pelas empresas estatais no novo PAC, enquanto o governo vai injetar outros R\$ 371 bilhões

dizem que programas anteriores igualmente ambiciosos incluíram projetos que nunca viram a luz do dia e abriram as portas para vastos esquemas de corrupção. Uma falácia. O governo fez uma aposta segura no Estado como indutor do crescimento, apontando um caminho que vem sendo adotado por outras nações, como os Estados Unidos de Joe Biden.

O novo PAC, cujo lançamento

aconteceu no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e contou com a presença de Dilma Rousseff, a nova presidenta do Novo Banco do Desenvolvimento (NDB), o chamado Banco dos Brics, vai levar a infraestrutura nacional a um novo patamar. Uma lista de obras e investimentos que envolve portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, saneamento básico e habitação foi anunciado pelo ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa. O governo sinaliza com um conjunto de iniciativas para induzir o crescimento da economia e gerar emprego e renda. Em resumo, um novo Programa de Aceleração do Crescimento, com mais conteúdo e mais obras.

Apenas o governo federal vai fazer um aporte no valor global de R\$ 371 bilhões ao longo de quatro anos. A ideia é estimular o crescimento com gastos estatais. O líder da maior economia da América Latina apresentou planos há muito aguardados para investir dinheiro na construção, projetos de infraestrutura e transição ecológica.

O plano pretende estimular setores estruturais, organizados em nove eixos: Água para Todos; Cidades Sustentáveis e Resilientes; Educação, Ciência e Tecnologia; Inclusão Digital e Conectividade; Infraestrutura Social e Inclusiva; Inovação para a Indústria da Defesa; Saúde; Transição e Segurança Energética; e Transporte Eficiente e Sustentável.

“Não admitiremos mais - e isso é extremamente importante - ver o sonho de uma nova escola, de um novo hospital, de um novo equipamento público ou de uma nova estrada se tornar o pesadelo de uma obra inacabada, jogada às moscas”, disse Lula. “Assumimos o compromisso moral, neste Novo PAC, de retomar a construção de milhares de obras. De não deixar mais que a falta de gestão ou a austeridade fiscal quase obsessiva interrompa, pela metade, os an-

seios mais justos de nossa população”.

Lula lembrou na solenidade realizada no Teatro Municipal que, há 16 anos e meio, em janeiro de 2007, ele lançava a primeira versão do Programa de Aceleração do Crescimento. “Nosso objetivo era fazer o Brasil crescer de maneira correta. E de forma ainda mais acelerada”, disse. “Crescer de maneira correta significava, e ainda significa, crescer reduzindo as desigualdades. Fazer com que o aquecimento da economia resulte em ganhos reais na vida das pessoas, em mais oportunidades e mais dignidade”.

“Podemos produzir mais – seja na indústria, seja no campo – sem gerar mais carbono, sem destruir nossa mata. Temos uma das matrizes energéticas mais limpas e renováveis do mundo, e vamos investir cada vez mais em energia solar e eólica, biodiesel e biomassa. E muito em breve o Brasil vai se tornar uma potência mundial em hidrogênio verde”, disse Lula. “Aproveitaremos esta que talvez seja a maior oportunidade histórica de nossa geração: nos tornarmos a grande potência sustentável do planeta. E o Novo PAC nos ajudará a fazer isso”.

“Mais de 80% da capacidade instalada de geração de energia prevista no programa é de energia limpa e sustentável”, discursou o presidente. “Aumentaremos de forma significativa nossas já robustas linhas de transmissão do sistema elétrico, para que a energia limpa gerada no Nordeste brasileiro esteja cada vez mais presente em todo o país”.

As áreas-alvo do governo Lula para amplos investimentos que alavanquem o crescimento econômico incluem energia, transporte, água e esgoto, saúde, educação e acesso à internet. “Hoje meu governo começa. Até agora, o que fizemos foi consertar o que deu errado”, disse Lula, que assumiu o

cargo em janeiro depois de derrotar Jair Bolsonaro nas urnas. “O Estado será mais uma vez um Estado empreendedor”, destacou.

Oficialmente conhecido como o Programa de Aceleração do Crescimento, o projeto retoma uma política de marca registrada da última vez que o Partido dos Trabalhadores de Lula esteve no poder. O programa tem similares em outras grandes economias. Nos EUA, o governo Joe Biden anunciou um pacote de estímulo, promovendo energia renovável e

“ASSUMIMOS O COMPROMISSO MORAL, NESTE NOVO PAC, DE RETOMAR A CONSTRUÇÃO DE MILHARES DE OBRAS QUE ESTÃO PELO PAÍS”

reindustrialização.

A iniciativa foi bem recebida pelo setor de infra-estrutura. Venilson Tadini, presidente-executivo da Associação Brasileira da Infra-estrutura e das Indústrias de Base (ABDIB), elogiou. “O Novo PAC transmitiu uma sinalização positiva, pois contempla, na definição dos projetos a serem priorizados, o papel indutor do Estado (não Estado empresário), por meio do planejamento de médio e longo prazos, uma estratégia de desenvolvimento focada nos grandes

temas que movem a economia mundial: a transição energética para a economia verde, a descarbonização, a reestruturação das cadeias globais de valor, a segurança alimentar e a inclusão social (habitação, saúde, mobilidade urbana e educação)”.

Lula prometeu na campanha eleitoral do ano passado expandir o papel do setor público para reduzir a pobreza. Críticos apontam que suas iniciativas anteriores de investimento em larga escala lançadas sob o partido de Lula foram atormentadas por desperdício e corrupção. Mas o fato é que a última retomada do crescimento ocorreu na gestão do PT. Desde 2016, o Brasil enfrenta uma crise com graves consequências políticas e econômicas, com deterioração crescente dos dados socioeconômicos.

Para liberar o financiamento, o Palácio do Planalto deve primeiro aprovar um projeto de lei que afrouxe um limite constitucional ao crescimento dos gastos, bem como uma nova lei orçamentária. “Muito mais do que uma carteira de investimentos públicos, o Novo PAC é um compromisso coletivo, nascido de um amplo diálogo federativo, de muita conversa com governadores e prefeitos, para que os projetos escolhidos reflitam os anseios das populações de cada região do nosso país”, destacou Lula.

A elaboração do Novo PAC contou também com a participação decisiva do setor privado, seja na modelagem de oportunidades de investimento, seja na proposição de novas medidas institucionais que tornam os ambientes de negócio mais estáveis e atrativos. “Se hoje podemos anunciar este Novo PAC é porque o Congresso Nacional também compreende que é necessário retomar o crescimento do país, sem descuidar das contas públicas”, disse Lula. •



JAIR MAIS ENCALACRADO

O ex-presidente Bolsonaro está encrencado por conta da venda de jóias e relógios. Ele será apontado como o mandante da trama pelo ex-ajudante de ordens Mauro Cid

As maracutaias do ex-presidente Jair Bolsonaro estão sendo expostas à luz do dia e o que está vindo à tona é desmoralizante. Ele ordenou ao seu ajudante de ordens, o tenente-coronel Mauro Cid, preso há três meses num quartel do Exército, que vendesse joias de luxo não declaradas à Receita Federal. O dinheiro foi entregue diretamente a ele, nos Estados Unidos. O escândalo ganhou as páginas dos jornais do mundo inteiro.

Na sexta-feira, 18, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, autorizou a quebra do sigilo bancário das contas de Bolsonaro e Cid nos

EUA. A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro também teve os sigilos quebrados. A situação jurídica do ex-presidente é grave. Ele enfrenta acusações de crimes como lavagem de dinheiro, peculato e improbidade. Ele pode vir a ser preso.

O advogado Cezar Bittencourt, que representa o ex-braço direito de Bolsonaro, Mauro Cid, disse que seu cliente vai confirmar a participação na trama, desencanaada ainda no ano passado. As joias dadas de “presente” a Bolsonaro foram vendidas nos Estados Unidos e o dinheiro foi embolsado pelo ex-mandatário. Cid vai abrir a boca e declarar ter recebido essas ordens de Bolsonaro antes de o presidente dei-

xar o cargo.

Bittencourt disse que, em dezembro de 2022, Cid perguntou sobre um relógio Rolex que o presidente recebeu do governo da Arábia Saudita em 2019. Bolsonaro respondeu que Cid deveria “lidar com isso”, o que acabou levando o assessor a vender este e outro relógio de grife nos EUA e entregar o dinheiro para Bolsonaro. Os relógios foram vendidos por US\$ 60 mil.

Em março, Bolsonaro havia recebido determinação do Tribunal de Contas da União (TCU) para a devolução de presentes. Em março deste ano, a defesa dele entregou uma caixa de joias masculinas à Caixa Econômica Federal, em Brasília. As peças ti-

MOVIMENTAÇÃO SUSPEITA NA CONTA BANCÁRIA

O Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), órgão de combate à lavagem de dinheiro, detectou movimentações “atípicas” e “incompatíveis” nas contas do segundo sargento do Exército Luis Marcos dos Reis. Ele era supervisor da Ajudância de Ordens do ex-presidente Jair Bolsonaro. O órgão de inteligência financeira calculou que Reis movimentou um total de R\$ 3,3 milhões entre 1 de fevereiro de 2022 e 8 de maio de 2023. Segundo o Portal da Transparência, ele recebe uma aposentadoria do Exército no valor bruto de R\$ 12 mil. O Coaf aponta indícios do crime de lavagem de dinheiro.

Reis era subordinado ao tenente-coronel Mauro Cid, ex-chefe da Ajudância de Ordens de Bolsonaro. E, assim como ele, está preso preventivamente no caso das supostas fraudes no cartão de vacinação do ex-presidente e seus familiares. Segundo o seu próprio currículo, Reis era “responsável pelo atendimento das demandas pessoais” de Bolsonaro.

Ao analisar as movimentações, o Coaf fez um destaque para um repasse de R\$ 72 mil a Mauro Cid em quatro depósitos. “Principais lançamentos a crédito e a débito referem-se as transações envolvendo mesma titularidade e pessoas físicas e jurídicas de ramos diversos, das quais destacamos Mauro Cesar Barbosa Cid, já relacionado em comunicação de operações suspeitas e para o qual consta mídia desabonadora sobre suposto envolvimento em crime de lavagem de dinheiro”.



BICO FECHADO O tenente-coronel Mauro Cid parece que não quer permanecer mais calado. Mudou de estratégia e quer abrir a boca

nham sido enviadas a Bolsonaro por intermédio de uma comitiva chefiada pelo então ministro Bento Albuquerque (Minas e Energia), que tinha visitado a Arábia Saudita em 2021.

Um outro conjunto de joias sauditas foi retido pela Receita Federal naquele ano, no aeroporto de Guarulhos. Quando o caso veio à tona, Bolsonaro disse, inicialmente, não ter pedido nem recebido nenhum tipo de presente em joias do governo da Arábia Saudita.

Há uma semana, a Polícia Federal acusou Bolsonaro de receber dinheiro da venda dos dois relógios. Elas faziam parte de um total de três conjuntos de joias entregues ao então presidente pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes Unidos.

Os funcionários do gabinete de Bolsonaro trouxeram as joias para o Brasil sem declará-las, o que gerou suspeitas de lavagem de dinheiro e posse pessoal ilegal de itens do governo. Essa investigação tornou-se pública em março.

O Brasil exige que os cidadãos que chegam de avião do exterior declarem mercadorias com valor superior a US\$ 1 mil e paguem uma taxa de 50% sobre o valor

acima desse limite. As joias seriam isentas de impostos se fossem um presente oficial para o Brasil, mas não para Bolsonaro, que deveria pagar os impostos.

Bolsonaro e seus advogados afirmam que os conjuntos de joias foram presentes pessoais e, portanto, podiam ser vendidos se ele desejasse. Os investigadores dizem que ele não registrou as joias em sua coleção pessoal até pouco antes de deixar o cargo.

Quando o assunto veio a público em março, Bolsonaro inicialmente disse que não sabia dos presentes, mas seus auxiliares deram várias versões. Na sexta-feira, 18, o ex-presidente disse que Cid tinha autonomia sobre como lidar com as joias e não recebia encomendas.

Cid foi preso em maio por acusações de falsificação de cartões de vacina contra a covid-19 para membros de sua própria família e para Bolsonaro e sua filha. Em julho, ele foi chamado para depor a uma comissão especial do Congresso que está investigando a violência de 8 de janeiro por partidários de Bolsonaro na capital, Brasília. Ele permaneceu em silêncio durante toda a sessão. A semana promete. •



CONFISSÃO À CPI, Walter Delgatti deu detalhes sobre encontro com Bolsonaro há um ano para fraudar as urnas

HACKER: ORDEM DE BOLSONARO

Diante da CPI dos Ataques à Democracia, Delgatti mostra participação direta de Bolsonaro na tentativa de golpe em 8 de janeiro. Ele conta que o presidente pediu pessoalmente que cometesse crimes para atacar o sistema eleitoral e a democracia, prometendo ainda imunidade caso fosse preso

Que Jair Bolsonaro estava envolvido diretamente na tentativa de golpe ocorrida em 8 de janeiro, quando radicais de extrema-direita atacaram as sedes dos três poderes em Brasília, ninguém tinha dúvidas. Mas, na quinta-feira, 17, um depoimento explosivo, concedido por Walter Delgatti à CPI dos Ataques à Democracia, revela que o ex-presidente atuou decisivamente para a tentativa de um golpe de Estado no Brasil.

Em seu depoimento, Delgatti disse que Bolsonaro lhe pediu diretamente para assumir a autoria de um suposto grampo contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). E mais. Recebeu da deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) o pedido para que tentasse fraudar o sistema de votação. Era um desejo do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Ainda declarou que o marqueteiro de Bolsonaro, Duda Lima, em 9 de agosto do ano passado, e o próprio Bolsonaro,

no dia seguinte, no Palácio da Alvorada, lhe pediram para participar de uma fake news contra as eleições. A ideia era gravar um vídeo no qual ele adulteraria uma urna eletrônica com um código falso para convencer as pessoas de que aquela era uma prova da vulnerabilidade das urnas.

O vídeo seria exibido no 7 de Setembro do ano passado – quando Bolsonaro promoveu ataques ao Tribunal Superior Eleitoral – e só não foi concretizado porque a imprensa descobriu e noticiou o encontro de Delgatti

com Bolsonaro. O ex-presidente teria ordenado que o hacker fosse recebido pelo então ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, e por técnicos do ministério para ajudar na elaboração de um relatório que deveria contestar a segurança das urnas eletrônicas.

Segundo Delgatti, Bolsonaro lhe deu permissão expressa para cometer ilegalidades e prometeu livrá-lo por meio de um indulto presidencial caso fosse preso. Na conversa por telefone, Bolsonaro chegou a dizer, segundo Delgatti: “Se caso alguém te prender, eu mando prender o juiz”. Ele confessou que invadiu a intranet do Conselho Nacional de Justiça e de outros órgãos do Judiciário e inseriu um falso mandato de prisão contra Alexandre Moraes, numa tentativa de convencer os eleitores de que aquela era uma prova da vulnerabilidade do sistema eleitoral.

Diante de tantas revelações escandalosas, integrantes da CPI estão convencidos de que Bolsonaro deve ser preso por ter participado de uma tentativa de golpe no Brasil. “Nós escapulimos de um golpe de Estado por muito pouco”, afirmou o deputado federal Rogério Correia (PT-MG), antes de chamar a atenção para os efeitos nefastos que a divulgação da fake news do hacker com uma urna eletrônica poderia causar.

“Imagina a convulsão social que isso daria”, disse. “Eu não duvido, diante de tudo que está acontecendo agora, as contas do Mauro Cid, os telefones do Wassoff confiscados ontem pela Polícia Federal, as prisões de hoje por causa da Festa da Selma, eu realmente acho que a prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro está próxima”. O líder do PT no Senado, Fabiano Contarato (ES), acrescentou que Bolsonaro não deve mais ser visto apenas como mentor intelectual, mas como co-

autor da tentativa de golpe.

“O ex-presidente, eu digo a vocês, é coautor desses crimes: tentar com emprego de violência ou grave ameaça abolir o Estado democrático, tentar depor por meio de violência ou grave ameaça governo legitimamente constituído. Com esse depoimento e tudo que já foi coletado, as provas são contundentes”, afirmou Contarato, acrescentando esperar a prisão imediata do ex-presidente.

Para os parlamentares, o depoimento do hacker confirma que o atentado de 8 de Janeiro foi resultado de um longo processo golpista pensado e articulado por Bolsonaro e seus vários cúmplices. O elemento central desse processo era convencer parte do eleitorado de que uma eventual derrota do ex-presidente seria fruto de fraude eleitoral.

“(Sempre dissemos que) o que houve foi uma tentativa de golpe de Estado, inclusive com atos preparatórios. O desenrolar da investigação confirma a tese da tentativa de golpe. Quanto mais a gente investiga, mais a gente percebe que essa tentativa de golpe aconteceu nas mais variadas esferas”, ressaltou o deputado Rubens Pereira Júnior (PT-MA).

O senador Rogério Carvalho (PT-SE) lembrou que Bolsonaro realizou um ataque sistemático às urnas como forma de levantar suspeitas sobre as eleições. “O que está sendo revelado aqui mostra, com muita clareza, tudo que foi programado”, salientou, logo após pedir proteção à vida de Walter Delgatti.

Carvalho alertou ainda que a extrema direita dá sinais de que não desistiu dos ataques à democracia. “É só olhar o que o Trump está fazendo nos Estados Unidos, que continua questionando a democracia e as instituições. Esse foi um ataque e precisamos ficar atentos porque outros virão”. •

PF PRENDE CÚPULA DA PM DE BRASÍLIA

A Polícia Federal prendeu na sexta-feira, 18, sete policiais militares de alto escalão acusados de ajudar manifestantes de direita durante os ataques de 8 de janeiro a prédios dos três poderes da República, em Brasília. Procuradores dizem que as mensagens de texto obtidas dos celulares dos policiais mostram que a Polícia Militar do Distrito Federal estava ciente das intenções dos agressores. Os policiais não apenas falharam em impedir os ataques, mas ajudaram os manifestantes em seus esforços para derrubar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Entre os presos está Kleptor Rosa Gonçalves, comandante-geral da Polícia Militar de Brasília. A polícia também deteve outras três pessoas e expediu 16 mandados de busca e apreensão. Investigadores dizem que os oficiais da PM sabiam que os manifestantes pretendiam atacar a capital e espalhar informações falsas sobre a legitimidade do sistema de votação eletrônica do país.

“Havia (um) alinhamento de ideologia – e propósitos – entre os funcionários e aqueles que defendiam a intervenção das Forças Armadas”, diz o relatório do Procuradoria Geral da República. Em 8 de janeiro, os manifestantes invadiram o Congresso, a Suprema Corte e o Palácio do Planalto.

Dezenas de agressores foram presos em conexão com os distúrbios, bem como alguns ex-funcionários do governo, incluindo Anderson Torres, ex-ministro da Justiça de Bolsonaro e secretário de segurança pública do Distrito Federal, na época. •

BRASIL

Ricardo Stuckert



MARGARIDAS CELEBRAM A DEMOCRACIA

Em ato histórico, diante de 100 mil pessoas, Lula assina decretos para a retomada da reforma agrária e o esforço para a reconstrução nacional. “Só tem sentido estes ministros estarem no governo para atender o povo brasileiro que mais necessita, o povo que mais precisa do Estado”, discursou diante da multidão

Isaías Dalle

Este governo nunca faltará com vocês. Eu quero que vocês saibam que vocês têm na Presidência da República um companheiro de vocês, que jamais se negará a conversar. Eu quero que vocês saibam que só tem sentido estes ministros estarem no governo para atender o povo brasileiro que mais necessita, o povo que mais precisa do Estado”.

As palavras de Lula foram dirigidas a um público de aproximadamente 100 mil pessoas, a imensa maioria mulheres agricultoras do campo, das florestas e das águas. O discurso da garantia de diálogo permanente de Lula foi o auge do ato encerramento da 7ª Marcha das Margaridas, na quinta-feira, 16.

Em frente ao Congresso Nacional, debaixo de um sol a pino, a Marcha das Margaridas foi a primeira grande concentração popular em Brasília depois dos perigosos e fracassados ataques à democracia ocorridos naquele mesmo espaço público, em 8 de janeiro. Passados sete meses, o

que se viu ali foi a celebração da democracia em movimento.

Antes de fazer seu discurso, Lula assinou oito decretos, no palco instalado diante do Congresso, instituindo medidas e programas que pretendem responder às reivindicações levadas ao governo federal pela Marcha das Margaridas. A pauta foi preparada ao

A MARCHA DAS MARGARIDAS FOI A PRIMEIRA GRANDE CONCENTRAÇÃO POPULAR EM BRASÍLIA DEPOIS DO FRACASSADO ATAQUE À DEMOCRACIA

longo do ano em encontros e plenárias realizados pelos sindicatos e federações de trabalhadores e trabalhadoras rurais filiados à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag).

Na quarta-feira, 15, o Senado já havia aprovado a inclusão de Margarida Alves no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, honraria preservada pelo Panteão da Liberdade e da Democracia, na capital federal. A agricultora Margarida, cujo nome batiza a marcha, foi dirigente sindical e lutava por direitos trabalhistas para os camponeses. Há 40 anos, foi assassinada na porta de sua casa a mando de latifundiários, no dia 12 de agosto de 1983.

Em resposta às reivindicações da Marcha das Margaridas, os decretos assinados por Lula retomam políticas que haviam sido abandonadas após o golpe de 2016 e introduz novos programas. Na prática, como observado pelo ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, Paulo Teixeira (PT-SP), o cerne dos decretos representa a retomada da reforma agrária no Brasil e amplia apoios para a agricultura familiar.

Entre os decretos, um reabre

a seleção de famílias para obter títulos de propriedades desapropriadas para fins de reforma agrária. O decreto estabelece que mulheres chefes de família terão prioridade no sistema de pontuação para acesso à terra. Já na primeira fase, conforme Paulo Teixeira, serão entregues 7.200 novas propriedades rurais familiares. Outras 40 mil famílias, segundo o ministro, obterão regularização dos títulos de propriedade. Com os títulos, as famílias se capacitam a obter crédito para plantio e colheita.

Complementa o esforço de titulação e acesso ao crédito a retomada do projeto para difundir a documentação entre as mulheres que trabalham em atividades de agroecologia. O programa, que vai ajudar mulheres do campo, das florestas e ribeirinhas a obter documentos pessoais, havia sido abandonado após o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff.

Outro decreto assinado pelo presidente Lula cria o Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural, com o objetivo de estimular a permanência de filhos e filhas de famílias agricultoras no campo, com a ajuda de instrumentos como educação universitária nos territórios e financiamento produtivo. Para dinamizar a agroecologia, o governo instituiu o programa Quintais Produtivos, com financiamento para ampliar a produtividade.

Para apoiar famílias de baixa renda que vivem em áreas sob proteção ambiental, Lula também assinou decreto que institui o Bolsa Verde. Este era outro programa desativado no período pós-Golpe de 2016.

Outro decreto cria uma política nacional para os trabalhadores rurais assalariados, ou seja, não titulares de terras, com direito a mesa de negociação permanente. Para combater a violência contra as

mulheres do campo, dois outros decretos instituem uma comissão de enfrentamento à violência no campo e o pacto nacional de prevenção aos feminicídios.

A ministra das Mulheres, Aparecida Gonçalves, anunciou que o combate aos feminicídios inclui a chegada de 270 unidades móveis de apoio a mulheres em situação de violência. A frota, segundo a ministra, será composta de veículos produzidos para territórios de difícil acesso.

“O ministério vai marchar até vocês para garantir o atendimento”, disse. Ela também anunciou

**“NÓS NÃO
QUEREMOS
ÓDIO, NÓS NÃO
QUEREMOS
FOME, NÓS NÃO
QUEREMOS
APENAS AUXÍLIO,
NÓS QUEREMOS
TRABALHAR”**

uma parceria com a Empresa de Correios e Telégrafos para captar junto a agricultoras, pescadoras e agroextrativistas demandas e propostas que serão enviadas diretamente ao ministério.

Em nome do Congresso Nacional, a deputada Maria do Rosário (PT-RS) anunciou a criação de uma comissão de parlamentares encarregada de acompanhar e viabilizar o atendimento das reivindicações. Ela destacou a luta pela diminuição do uso de

agrotóxicos, rumo à agroecologia, como uma das prioridades.

O ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Márcio Macêdo entregou às lideranças da Marcha das Margaridas um caderno de respostas, em que o governo federal elencou as medidas já tomadas e aqueles que estão em gestação para atender a pauta de reivindicações apresentadas.

No início do ato diante do Congresso Nacional, a secretária de Mulheres da Contag, Mazé Moraes, fez uma fala emocionada em direção ao presidente Lula: “Tem um significado muito grande para nós a sua presença aqui, presidente. Estamos com muita esperança. Nossa pauta foi construída coletivamente, e essa é a lindeza dessa marcha. Estamos contigo e queremos ajudar”, disse. Ela lembrou que a edição anterior, de 2019, havia sido de resistência. “Mas esta é a da reconstrução do Brasil e do bem viver”, completou, destacando o lema da edição 2023.

As margaridas, vindas de todas as regiões do Brasil, chegaram a Brasília no dia 15, quando se concentraram no Centro de Convenções do Parque da Cidade. Ao redor, em tendas, as participantes realizaram encontros para debater temas da pauta nacional, como a violência, e também organizaram uma feira para apresentar e comercializar produtos da agricultura familiar.

No encerramento do ato político do dia 16, Lula se despediu com um beijo simbólico em cada mulher ali presente e um pedido de que transmitissem um abraço nos maridos e familiares que estivessem esperando em casa. “Nós não queremos ódio, nós queremos amor, nós não queremos fome, nós queremos comer, nós não queremos apenas auxílio, nós queremos trabalhar, e é isso que nosso governo quer garantir”. •

CRIME CHOCANTE E BRUTAL

Defensora dos quilombolas, a lalorixá Mãe Bernadete é assassinada na Bahia. Terreiro onde ela estava foi invadido por criminosos, na região de Salvador. Filho também foi assassinado há seis anos

Alalorixá Mãe Bernadete, 72 anos, liderança quilombola baiana e coordenadora da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (Conaq), foi assassinada a tiros dentro da associação do Quilombo Pitanga dos Palmares, na quinta-feira, 17. De acordo com a Secretaria da Segurança Pública da Bahia, dois homens, usando capacetes, entraram no terreiro e a mataram.

Segundo o filho de Bernadete, Wellington dos Santos, a mãe foi assassinada com tiros no rosto. “Minha família está sendo perseguida, meu irmão foi morto da mesma forma. Não vamos parar, quilombo sempre será resistência”, disse.

O governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), disse que recebeu “com pesar e indignação” a notícia da morte de Mãe Bernadete, a quem chamou de “amiga e grande liderança quilombola da Bahia”. Era foi secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da cidade de Simões Filho, durante a gestão do prefeito Eduardo Alencar (PSD), entre 2009 e 2016.

A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, denunciou o crime. “O racismo religioso mata e produz violências reais”, disse. “O ataque contra terreiros e o assassinato de lideranças religiosas de matriz africana não é pontual. O racismo religioso é mais uma faceta da conformação racista que estrutura o país e precisa ser combatido por meio de políticas pú-

Divulgação



ASSASSINADA Em julho, Mãe Bernadete denunciou à presidenta do STF, ministra Rosa Weber, que vinha sendo ameaçada por fazendeiros da região

blicas”. O ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Sílvio Sílvia Almeida, enviou uma equipe.

Bernadete era mãe de Flávio Gabriel Pacífico dos Santos, conhecido como Binho do Quilombo. Ele era líder da comunidade Pitanga dos Palmares e foi assassinado há seis anos. “Mãe Bernadete, agora silenciada, era uma luz brilhante na luta contra a discriminação, o racismo e a marginalização”, diz o Conaq.

O PT soltou uma nota pública lamentando a morte e exigindo justiça. A secretária nacional de Mulheres do PT, Anne Moura, afirmou que o crime é estarrecedor e choca pela crueldade. “A perda da lalorixá Bernadete Pacífico é mais um crime contra uma mulher negra que era liderança em sua comunidade”, disse.

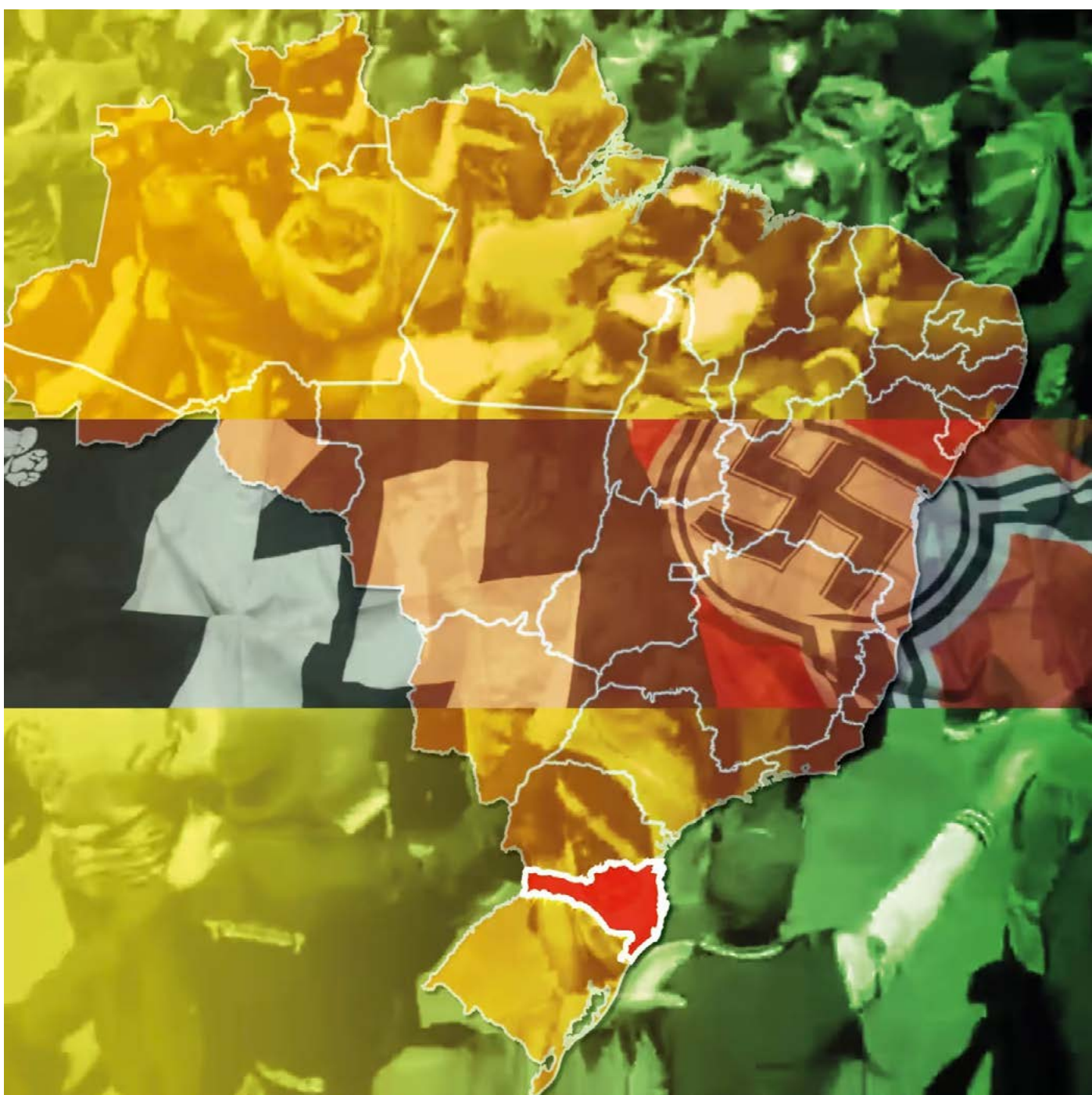
Em julho, em encontro com a então presidenta do Supremo Tribunal Federal (STF), Rosa We-

ber, Mãe Bernadete denunciou a violência contra quilombolas, que havia vitimado um filho da lalorixá. “Para a senhora ter uma ideia, até hoje não sei o resultado do assassinato de meu filho. Abalou todo mundo. Foi no mesmo período em que aconteceu a morte de Marielle (Franco). Inclusive, eu fui em diversos encontros com a mãe de Marielle. É injusto. Recentemente perdi outro amigo e uma amiga em um quilombo. É o que nós recebemos: ameaças, principalmente de fazendeiros, de pessoas da região”, disse.

O quilombo Pitanga dos Palmares, liderado por Mãe Bernadete, produz e vende farinha para vatapá, além de frutas e verduras como abacaxi, banana da terra, inhame e maracujá. Cerca de 290 famílias vivem no local de 854 hectares. O quilombo foi certificado em 2004, mas ainda não teve o processo de titulação concluído. •

‘UM POVO, UM REICH’: GRUPOS NEONAZISTAS SE ESPALHARAM NO SUL DO PAÍS

A extrema-direita surge em áreas históricas alemãs com saudação de braço levantado defendida como gesto ‘culturalmente comum’



A vida de Maria Tereza Capra tomou um rumo aterrorizante no ano passado, quando ela recebeu ameaças de morte que a forçaram a fugir de sua casa por meses. Então a Câmara de Vereadores da cidade na qual ela tinha assento votou pelo seu impeachment.

Seu crime: gravar e postar um vídeo on-line criticando manifestantes que, nos dias preocupantes após a eleição do Brasil, se reuniram do lado de fora de uma base do exército na cidade de São Miguel do Oeste, em Santa Catarina. O Hino Nacional tocava, enquanto os apoiadores do derrotado presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro estenderam seus braços direitos, com as palmas das mãos planas para baixo, em saudação. “O mundo inteiro viu que era um gesto nazista. É um gesto que você nunca faz, você não pode fazer”, disse Capra.

O incidente em São Miguel do Oeste foi um dos vários que reacendeu os temores sobre o crescimento do extremismo de extrema-direita no Brasil, particularmente no sul do país. Historicamente lar de imigrantes alemães e italianos, estados do sul como Paraná e Santa Catarina, onde São Miguel está localizado, há muito tempo são redutos conservadores. Eles continuam sendo um bastião de apoio político para Bolsonaro, o ex-capitão populista do exército.

O alarme de Capra sobre a saudação foi ecoado pelos embaixadores da Alemanha e Israel e pelo Museu Brasileiro do Holocausto. No entanto, o conselho a derrubou depois que uma investigação declarou que o gesto era “culturalmente comum na região”, onde é usado em juramentos reli-

giosos e formaturas.

Nos últimos meses, o sul do Brasil tem sido o foco de inúmeras investigações policiais sobre células neonazistas. Mais de uma dúzia de ataques foram realizados em uma semana apenas em julho, com a polícia apreendendo “grandes [quantidades de] material nazista e extremista”, além de quatro armas de fogo e dezenas de facas e outras armas, incluindo duas maças. Treze dos 15 locais de mandados de busca estavam nos estados do sul, enquanto os outros dois estavam no estado de São Paulo.

As incursões resultaram de outra investigação no ano passado sobre a “fabricação de uma arma de fogo, usando uma impressora 3D, por uma célula neonazista em Santa Catarina”, disse a polícia local. Esse grupo praticava “rituais de culto à doutrina hitlerista e se autodenominava ‘a nova SS de Santa Catarina’”, acrescentou a polícia.

Em imagens amadoras, dois membros do grupo ficam entre uma tocha em chamas e uma bandeira nazista. “Um povo, um Reich, um Führer”, diz um homem em alemão enquanto descarrega uma pistola no ar.

Nos primeiros seis meses deste ano, houve mais de 20 investigações policiais sobre grupos neonazistas no Brasil, acima de nove em todo o ano passado e apenas uma em 2018, de acordo com dados policiais relatados pela Reuters.

Os números da polícia também mostraram um aumento de 380 por cento no número de “atos antidemocráticos”, saltando de 68 em todo o ano passado para 326 apenas nos dois primeiros meses deste ano. A maior parte desses casos – que incluem tentativas de impedir eleições ou incitar a violência contra o estado – estava no sul, principalmente em Santa Catarina.

“A partir de 2018-19, vimos o rápido crescimento desses grupos neonazistas”, disse Leonel Radde, ex-policia que agora é legislador estadual do Rio Grande do Sul, o estado mais ao sul do Brasil.

“A extrema direita está avançando em todos os lugares – não apenas aqui no Brasil – então isso capacita esses grupos, eles começam a se sentir livres”, disse ele. Comunidades de bate-papo on-line descontroladas também impulsionaram os grupos, disse.

Um brasileiro preso no ano passado pela tentativa de assassinato de Cristina Fernández de Kirchner, vice-presidente da Argentina, foi tatuado com um símbolo nazista. Radde disse que o sul do país tinha “o maior partido nazista fora da Alemanha no período pré-guerra”.

“Há uma cultura de separatismo, de considerar o sul mais avançado – uma região que apoia o resto do Brasil, o que é um absurdo, é claro. Há essa ideia de que é uma região branca de imigração ítalo-alemã e não tão influenciada pelos brasileiros negros”, acrescentou.

Pomerode, uma cidade arrumada de placas de sinalização bilíngues e casas em madeira nas colinas de Santa Catarina, é um dos assentamentos alemães mais antigos do Brasil e tem o nome da Pomerânia. Mais de 80% do município votou em Bolsonaro na eleição de outubro passado.

“Se você for para o campo, verá que ainda há muitos alemães, os colonizadores, falando alemão. Se eles virem que você é brasileiro, uma pessoa comum, dificilmente falarão com você”, disse Izilda Alves, uma residente.

Mas ela acrescentou que, embora a região fosse conservadora e tradicional, como muitas pessoas em Pomerode, ela acreditava que os relatos de extremismo no sul eram exagerados.

“Esta história de extremismo



O NAZISMO Material apreendido pela Polícia Civil de Santa Catarina entre jovens ativistas que atuam em cidades do estado. Bolsonaro teve 70% dos votos entre eleitores catarinenses

Reprodução

foi criada por pessoas que querem se beneficiar dela”, disse Cristina da Silva, outra residente de Pomerode, que acredita que a administração de esquerda de Luiz Inácio Lula da Silva está usando alegações de neonazismo para perseguir oponentes políticos.

Ambas as mulheres ecoaram pontos de discussão marginais que afirmam – sem evidências – que Bolsonaro só perdeu a eleição do ano passado por causa de fraude nas urnas de votação eletrônica do Brasil.

Nas proximidades de Blumenau, Flávio Linhares dirige o Movimento Conservador para Santa Catarina, que, segundo ele, busca aumentar a conscientização sobre as crenças conservadoras e os valores da “filosofia grega, do direito romano e da família”.

Os cidadãos da região abominaram o extremismo, disse ele, e as alegações de nazismo foram exageros impulsionados pelo “preconceito notório” da mídia.

“Eu vejo um certo tipo de xenofobia contra pessoas do sul”, disse ele, fazendo referência ao

exemplo da saudação de braço levantado, que ele observou que era frequentemente usada em cerimônias oficiais. “Não podemos dizer olá na rua sem que seja considerado uma saudação nazista.”

Linhares acrescentou que os conservadores eram frequentemente excluídos da vida pública, embora os partidos de direita dominassem o Congresso federal e Bolsonaro ganhasse quase 70% dos votos em Santa Catarina no ano passado.

No entanto, João Klug, professor de história da Universidade Federal de Santa Catarina, disse que justifica a saudação como “algo ‘comum na região’ não retém água”.

“Onde eles aprenderam a cantar o hino nacional com as mãos estendidas? E por que neste momento crítico essas pessoas [em São Miguel do Oeste] acharam adequado expressar seu patriotismo dessa maneira? É ridículo, para dizer o mínimo”.

Klug disse que o movimento neonazista foi impulsionado pela presidência de Bolsonaro, um na-

cionalista que empregou linguagem depreciativa em relação às minorias. O ex-presidente afirmou oficialmente que o nazismo deveria ser repudiado, mas sua simpatia mais ampla por grupos de extrema-direita foi tomada como encorajamento tácito.

Bolsonaro foi banido do cargo político por oito anos em junho, depois que o tribunal eleitoral do país decidiu que ele havia abusado de seus poderes presidenciais. Muitos de seus apoiadores viram isso como um ato de perseguição política.

Ana Lúcia Martins, vereadora da cidade de esquerda em Joinville, um reduto conservador no estado de Santa Catarina, disse que os apoiadores de direita estavam retratando “se como a vítima de pensar diferente”.

Durante as incursões policiais de julho, quatro dos 15 mandatos de busca e apreensão foram executados em Joinville. “Acho que o extremismo sempre existiu”, disse Martins, “mas houve uma expressão muito mais forte dele nos últimos anos”. •



POPSTAR BUFÃO Candidato da extrema-direita e antisistema, Javier Milei obteve 30,04% da preferência dos argentinos nas eleições primárias ocorridas no país, no domingo, 13. Ele promete acabar com o Banco Central

A EXTREMA-DIREITA ARGENTINA SURPREENDE

Economista radical, que defende a venda de órgãos humanos no mercado, Javier Milei sai na frente nas primárias para a Casa Rosada e assusta por sua agressividade e ideias estapafúrdias, como o negacionismo climático e a extinção do Banco Central

Os argentinos foram às urnas no domingo, 13, em uma eleição primária que é um ensaio para as eleições presidenciais a serem realizadas em 22 de outubro. O vencedor da disputa é um candidato anti-sistema, obcecado por privatizar tudo e que se diz admirador de Donald Trump

e Jair Bolsonaro.

“Esta alternativa não só acabará com o kirchnerismo, mas também com a casta política parasitária, tola e inútil deste país”, prometeu Javier Milei. Ele obteve pouco mais de 30% dos votos e se apresenta como “um libertário de direita”.

Milei faz campanha como uma estrela do rock, é histriônico e de

gestos teatrais. Vive sozinho com cinco mastins com nomes de famosos economistas liberais e afirma não ter escovado o cabelo desde os 13 anos (ele tem 52 anos). Mas, não se deixem enganar, Milei é um extremista.

Ele promete “dolarizar” a economia e “extinguir” o banco central para evitar que a “casta política” corrupta da Argentina

imprima mais pesos. Candidato do Libertad Avanza, ele foi a surpresa e superou todas as previsões nas eleições primárias, abertas, simultâneas e obrigatórias (Paso) na Argentina. O economista obteve 30,04% dos votos. Ele já anunciou ideias como a permissão geral para a venda de armas e órgãos humanos. "Há 7.500 pessoas sofrendo, esperando por transplantes. Tem alguma coisa que não está funcionando bem. O que proponho é procurar mecanismos de mercado para resolver este problema", disse. Ele segue outras ideias próximas de Bolsonaro. "No meu governo, não haverá marxismo cultural e não pedirei perdão por ter pênis. Se dependesse de mim, fecharia o Ministério da Mulher", declarou.

Seu discurso de vitória também foi assustador. "Hoje nos levantamos para dizer basta ao modelo de decadência. Hoje demos o primeiro passo para a reconstrução da Argentina", disse. "Hoje somos o força com mais votos porque somos a verdadeira oposição, porque uma Argentina diferente é impossível com os mesmos de sempre, com os mesmos que sempre falharam e todos estão no Estado há 40 anos, os de boas maneiras e os de falta de educação", acrescentou.

Na chapa Juntos por el Cambio, Patricia Bullrich foi a pré-candidata mais votada (17,01%), superando seu adversário, Horacio Rodríguez Larreta (11,16%). Ela é a candidata do grupo do ex-presidente Mauricio Macri, de direita. E no Unión por la Patria, o vencedor foi Sergio Massa (21,22%) que fez a diferença sobre Juan Grabois (5,67%). Massa é o candidato do peronismo, de centro-esquerda.

Desde que a Argentina assinou seu 22º programa de salvaguarda com o FMI em 2022, o país

perdeu todas as suas metas de acumulação fiscal, monetária e de reservas. O governo culpa uma queda de US\$ 20 bilhões nas exportações por uma seca severa.

Embora reconhecendo o impacto da seca, o FMI argumenta que o governo piorou o quadro e aumentou o tamanho do problema ao impulsionar a economia com generosos subsídios de energia e uma taxa de câmbio oficial supervalorizada que reduziu artificialmente o custo das importações.

"NÃO HAVERÁ MARXISMO CULTURAL E NÃO PEDIREI PERDÃO POR TER PÊNIS. SE DEPENDESSE DE MIM, FECHARIA O MINISTÉRIO DA MULHER"

Não é à toa que a Argentina está novamente à beira do default, a expressão inglesa que significa calote. O governo espera que o FMI em breve finalmente desembolse US\$ 7,5 bilhões. Mas se isso acontecer, o dinheiro não ficará na Argentina. Deve ser usado para pagar empréstimos de curto prazo "in extremis" da China, do Catar e do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF).

Com quase 40% da popu-

lação vivendo abaixo da linha da pobreza, a paciência dos argentinos está acabando. Muitos, particularmente entre os jovens, responderam favoravelmente à promessa de Milei de substituir pesos por dólares. Isso não resolve nada, mas gera esperança.

As promessas de Milei assustaram o mercado. No dia seguinte à eleição, os detentores de peso (ainda restam alguns) correram para trocar seus pedaços de papel indignos por dólares. Enquanto isso, o governo desvalorizou o peso em quase 22%, como o FMI havia solicitado.

Se Milei ganhasse em outubro – e ainda é um grande "se" – suas ambições libertárias radicais colidirão com essa triste realidade econômica e social. No entanto, seja qual for o resultado, ele pelo menos conseguiu agitar o debate na Argentina, particularmente sobre as questões de economia e segurança.

Atual ministro das Finanças, Sergio Massa – um peronista pró-mercado que astutamente conseguiu concorrer contra os kirchneristas (ramificação peronista de esquerda que governou o país durante grande parte dos últimos 22 anos) – mostra poucos sinais de aceitar a derrota.

E ele certamente se moverá para fortalecer sua posição sobre segurança entre agora e outubro. Crimes relacionados a drogas e roubos violentos são um problema particular em áreas urbanas pobres que antes eram centros de apoio peronista.

Massa sem dúvida lerá a cartilha peronista e culpará o FMI pela terrível situação econômica. Ele também tentará alarmar seus amigos no governo Biden, tratando Milei como um híbrido aterrorizante do ex-presidente dos EUA Donald Trump e seu homólogo brasileiro Jair Bolsonaro. E, acreditem, Javier Milei é pior do que ambos. •



O GOLPE INTERROMPIDO

Getúlio se mata com um tiro no coração e adia por 10 anos a possibilidade de uma quebra da ordem democrática. Carlos Lacerda imaginava que iria depor o presidente. Não conseguiu. E o povo, indignado, toma as ruas das principais cidades brasileiras para denunciar a perseguição ao líder

Na manhã de 24 de agosto de 1954, o presidente Getúlio Vargas, de pijamas, sai do seu quarto no palácio do Catete, vai até o gabinete de trabalho e volta com um envelope. Pouco tempo depois, ouve-se um tiro. O filho, Lutero, corre para os aposentos do pai, seguido pela irmã, Alzira, e pela mãe, Darci. Encontram Getúlio caído na cama, com um revólver Colt calibre 32 perto da mão direita. Na altura do coração, um buraco da bala e uma mancha de sangue. Encostado no abajur, sobre o criado-mudo, estava o envelope contendo a carta que, datilografada na véspera por um amigo, explica o gesto – não é um lamento, mas um manifesto político. Uma carta de adeus que adiará por dez anos o golpe de Estado, que interromperia a vida democrática e popular brasileira,

A carta-testamento não deixava dúvida sobre como o suicídio deveria ser entendido: era uma reação a uma campanha subterrânea dos grupos internacionais, aliados aos grupos nacionais, para bloquear a legislação trabalhista e o projeto desenvolvimentista. “Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida”, dizia a carta, que concluía: “Serenamente dou o meu primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar para a história”.

Naquele momento, seu maior adversário político, o ex-governador Carlos Lacerda (UDN), ferido no pé dias antes no atentado da rua Tonelero, comemorava com champanha o golpe que parecia vitorioso. Horas antes, uma reunião de oficiais de alta patente recusara a proposta de Getúlio de licenciar-se da Presidência enquanto se desenrolasse o Inquérito Policial Militar (IPM) sobre o atentado. Brigadeiros, almirantes

Iconográfica



MULTIDÃO Mais de 1 milhão de pessoas tomaram as ruas do Rio de Janeiro para participar do cortejo que levou o corpo de Getúlio pelas ruas

e gerais foram taxativos: só aceitariam a renúncia.

Certo de que vencera o último round na luta contra Getúlio, Lacerda vociferou numa emissora de rádio: “Aqui estou, no dia da redenção nacional [...] para declarar que esse covarde, esse pusilânime, não está licenciado, está é deposto, o lugar dele é no Galeão [palco do IPM] ou no estrangeiro, e deve apodrecer na cadeia!”

Getúlio estava encurralado. Às 2 horas da manhã, numa reunião ministerial, ouvira dos ministros militares que os oficiais das três armas haviam se unido em torno do manifesto dos brigadeiros

que pedia sua renúncia. Às 6 horas, dois oficiais da Aeronáutica foram ao Catete convocar Benjamin, irmão de Getúlio, para depor no Galeão.

Pouco antes do suicídio, o presidente recebera a notícia de que o comando das Forças Armadas havia se somado ao movimento pela sua renúncia imediata. Getúlio cumpriu então o que havia prometido ao país dias antes. Eleito pelo povo, só sairia morto do palácio do Catete. Por volta das 8 horas da manhã, suicidou-se com um tiro no peito.

A notícia do suicídio de Getúlio, veiculada pouco depois pelas

rádios, chocou o país. A população, revoltada, saiu às ruas para expressar sua indignação e homenagear o presidente morto. No Rio de Janeiro, capital da República, uma multidão amargurada, revoltada e colérica passou a percorrer as ruas, armada com paus, pedras e fúria.

Arrancou dos postes propaganda da oposição, quebrou as vidraças da Standart Oil, apedrejou a fachada da embaixada dos Estados Unidos e os prédios onde funcionavam os jornais “O Globo” e “Tribuna da Imprensa”. Para arrematar, incendiou os caminhões que distribuía esses jornais. Só a “Ultima Hora”, que era favorável ao governo Vargas, pôde circular naquele dia.

Horas depois, em frente ao palácio do Catete, 1 milhão de pessoas tentava ver o corpo do presidente. Muitos choravam compulsivamente, outros desmaiavam, e havia aqueles que, ao entrar na sala onde acontecia o velório, se agarravam ao caixão.

Às 8h30 da manhã do dia 25, a multidão acompanhou o corpo de Getúlio até o aeroporto Santos Dumont, em um gigantesco cortejo que se desenrolava pela praia do Flamengo, do Russel até a avenida Beira-Mar. Quando o avião da Cruzeiro do Sul desapareceu no céu rumo a São Borja, aconteceu o inevitável: as pessoas perceberam que estavam em frente ao quartel da 3ª Zona Aérea.

O que era dor virou cólera, e a multidão avançou contra a guarnição da força militar que era escancaradamente oposição ao governo Vargas. Os soldados da Aeronáutica, aterrorizados, dispararam contra a população civil desarmada durante 15 minutos. No tumulto, mulheres e crianças foram pisoteadas, uma pessoa morreu e muita gente saiu ferida.

A comoção nacional transformou inteiramente a situação política. Os golpistas tiveram de recu-

ar às pressas. As tropas voltaram aos quartéis, e os líderes da oposição, inclusive Lacerda, preferiram se esconder da fúria popular. Getúlio, o “pai dos pobres”, havia partido. O povo estava de luto, mas vigilante. Nas ruas, deixava claro que não aceitaria ver os inimigos do presidente, que o haviam levado à morte, dando novamente as cartas no Brasil.

Em todo o país, populares ocuparam ruas e praças de muitas cidades e atacaram sedes de partidos de oposição – principalmente da UDN –, jornais alinhados ao udenismo e quartéis. E não se esqueceram do maior inimigo do líder morto: Carlos Lacerda. Caçado nas ruas do Rio, ele se refugiou na embaixada dos Estados Unidos. Quando a embaixada foi atacada, ele fugiu num helicóptero militar para o cruzador Barroso, ancorado na baía da Guanabara. “Mataram Getúlio! Mataram Getúlio!”, gritavam os populares nas inúmeras manifestações que se seguiram à notícia do suicídio do presidente.

No Rio, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e capitais do Nordeste, a multidão mostrava a cara e manifestava profunda revolta com o desfecho trágico da dura campanha oposicionista contra Vargas. O Exército interviria em várias cidades.

Em Porto Alegre, desde as primeiras notícias sobre o suicídio do presidente, populares se concentraram no Comitê Central Pró-Candidatura Leonel Brizola, da ala esquerda do PTB, em busca de informações. De lá, saíram às ruas carregando fotos de Getúlio e bandeiras nacionais tarjadas de preto, em sinal de luto.

Os primeiros alvos da multidão foram as sedes dos principais partidos de oposição: a UDN, a Frente Democrática, a Frente Popular, o Partido Socialista, o Partido Social Progressista (PSP) e o Partido Republicano (PR). Os prédios fo-

ram depredados e incendiados.

Furiosa, a multidão também investia contra “O Estado do Rio Grande”, jornal ligado ao Partido Libertador (PL), as oficinas do “Diário de Notícias”, dos Diários Associados, e os prédios onde ficavam as rádios Farroupilha e Difusora.

O governador do Rio Grande do Sul, general Ernesto Dorneles, primo de Getúlio, só ao final da tarde solicitaria auxílio do Exército para conter os manifestantes. Os distúrbios na capital gaúcha terminaram com o saldo de dois mortos e dezenas de feridos.

Em São Paulo, ao meio dia, os sindicatos já estavam lotados de trabalhadores que esperavam o início dos protestos que marcariam o dia do suicídio de Getúlio Vargas. Às 13 horas, começou a passeata, saindo dos sindicatos dos metalúrgicos e dos têxteis e dos diretórios do PTB em direção ao centro.

No caminho, líderes sindicais acalmavam os manifestantes mais exaltados e evitavam depredações, sob o argumento de que isso apenas serviria aos inimigos de Getúlio. Na sede do PTB, realizaram um comício. Na Praça da Sé, outro grupo de trabalhadores participava do comício convocado pelo PCB e pelo PTB, mas foi dispersado pela polícia.

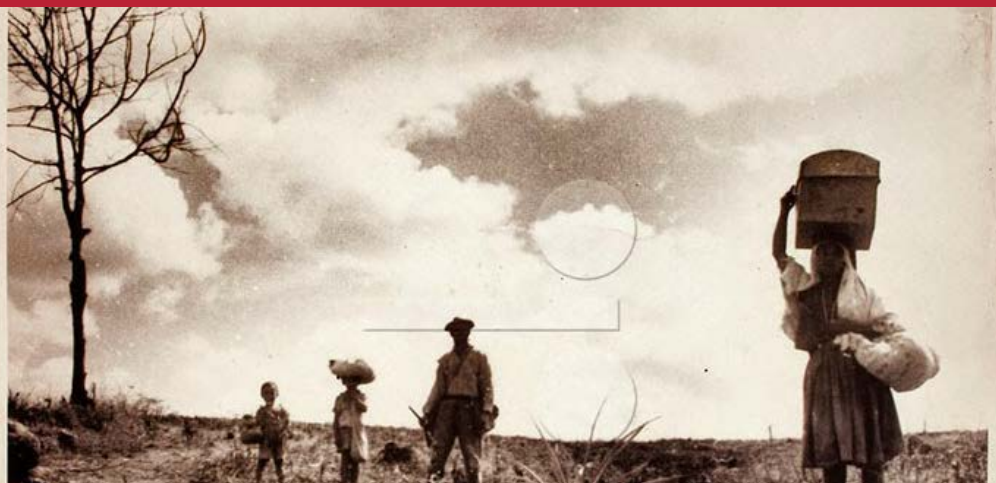
O PCB, que na véspera engrossava o coro de ataques contra Getúlio, seria pego de surpresa pela reação popular e se somaria a ela, juntando-se aos trabalhadores que se manifestavam pela cidade. Tentou, mas não conseguiu assumir o controle do movimento: os operários estavam no comando.

Na Zona Leste, onde comunistas se misturaram à multidão para levantar palavras de ordem, quem deu a voz de comando foi uma operária, que fazia de sua anágua preta um estandarte de luto e gritaria, em frente à multidão: “Mataram Getúlio! Mataram Getúlio! Morreu nosso pai!” •

23 de agosto de 1931

REPRESSÃO A COMÍCIO MATA OPERÁRIO

Polícia ocupa os principais pontos de Santos, cidade portuária paulista, para impedir a manifestação convocada pelo Socorro Vermelho Internacional e pela Federação Sindical de Santos para homenagear anarquistas executados nos Estados Unidos. Na praça da República, o conflito entre populares e a repressão tomou grandes proporções. Entre os estivadores que participavam dos protestos estava o ensacador de café Herculano de Sousa, negro e militante comunista. Atingido por um disparo da polícia, ele tombou agonizante e morreu nos braços de Pagu (a escritora Patrícia Galvão). Ela e a também comunista Guiomar Gonçalves acabaram presas. Primeira mulher presa por motivos políticos no Brasil, Pagu só foi libertada quase três meses depois. Os anarquistas homenageados no comício eram os migrantes italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, injustamente acusados de homicídio em Massachusetts, nos Estados Unidos, e executados em 23 de agosto de 1927.



22 de agosto de 1963

'VIDAS SECAS' RETRATA A MISÉRIA NORDESTINA

A Cinematográfica Herbert Richers lança "Vidas Secas", filme dirigido e roteirizado por Néelson Pereira dos Santos, baseado no romance homônimo de Graciliano Ramos. Néelson consegue com silêncios – o filme não tem sequer trilha sonora –, diálogos curtos, poucas frases e economia de palavras aproximar-se notavelmente da linguagem escolhida por Graciliano para expressar a realidade árida do Nordeste e denunciar a miséria dos sertanejos.

Em 1955, o diretor já havia dirigido "Rio, 40 Graus" (1955), que inaugurou uma nova forma de fazer cinema no país. "Vidas Secas" aproximava Néelson do movimento

do Cinema Novo e, mais tarde, com "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha, e "Os Fuzis", de Ruy Guerra, ambos de 1964, comporia a chamada "trilogia do sertão", que apresentaria ao Brasil desenvolvido e ao exterior uma realidade sem retoques do Nordeste.

As filmagens foram realizadas na cidade de Palmeira dos Índios, terra natal de Graciliano Ramos. Na fazenda onde viveu o escritor, cedida por seu filho para a produção, a topografia sertaneja e os personagens do livro estavam ao alcance da câmera. A luminosidade da região foi amplamente usada para reproduzir nas telas o efeito estético da obra literária.

25 de agosto de 1961

JÂNIO QUADROS RENUNCIA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA E SURPREENDE O PAÍS

Em curta mensagem enviada ao Congresso Nacional por meio do ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, o presidente Jânio Quadros renuncia ao mandato de presidente da República. Em outra mensagem, anexa à primeira, Jânio se declara "esmagado pelas forças" que o "intrigam" e o "difamam". Era 25 de agosto de 1961, Dia do Soldado, uma sexta-feira.

De manhã, sem dar nenhum sinal da decisão que abalaria o país horas depois, o presidente compareceu ao desfile militar na Esplanada dos Ministérios, passou a tropa em revista, ouviu a leitura da ordem do dia e hasteou a bandeira – tudo como manda o rito.

Aos jornalistas que o interrogaram sobre a acusação do governador da Guanabara, Carlos Lacerda

– de planejar um golpe para aumentar os poderes presidenciais –, negou tudo. Voltou para o palácio, mandou chamar os ministros militares e comunicou oficialmente que estava renunciando ao cargo. Diante dos olhares atônitos, enfatizou: "Com esse Congresso não posso governar. Organizem uma junta e dirijam o país".



23 de agosto de 1963 **'EU TENHO UM SONHO', CLAMA LUTHER KING**

"Eu tenho um sonho hoje", discursa o ativista negro Martin Luther King a uma multidão de compatriotas, negros e brancos, que encerram a Marcha para Washington, num gigantesco comício diante do simbólico monumento ao presidente abolicionista Abraham Lincoln. "Eu tenho um sonho de que um dia, no Alabama, meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãos e irmãs".

A luta por leis nacionais que garantissem o fim das leis segregacionistas estaduais ganharia o apoio do presidente democrata, que proporia uma lei de direitos civis. Kennedy seria assassinado logo depois, antes de vê-la aprovada, em 1964. Luther King, que mais tarde receberia o Nobel da Paz, também seria morto a tiros, em 1968, por extremistas.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br

24 de agosto de 1966 **SARGENTO MORRE DE MÃOS AMARRADAS**

O corpo do sargento Manoel Raimundo Soares é encontrado boiando às margens do rio Jacuí, em Porto Alegre. Tem as mãos amarradas e marcas de tortura pelo corpo. Manoel Raimundo era ligado ao ex-governador Leonel Brizola e teve sua prisão decretada logo depois do golpe. Por isso, passou para a clandestinidade.

Preso em Porto Alegre por dois militares à paisana em março de 1966, foi levado ao Dops e em seguida transferido para a ilha-presídio existente no rio Guaíba. Em 13 de agosto, retornou ao Dops. Foi morto sob tortura quando estava sob responsabilidade do Estado.



O Caso das Mãos Amarradas, como ficou conhecido, chocou a opinião pública e deixou evidente a violência contra presos políticos praticada nos porões da ditadura. Pelo menos 379 militantes seriam assassinados por agentes da repressão durante o regime militar.

21 de agosto de 1968 **TANQUES ESMAGAM A PRIMAVERA DE PRAGA**

Tropas do Pacto de Varsóvia, liderado pela então União Soviética, invadem e ocupam a Tchecoslováquia para liquidar o movimento reformista que ficou conhecido como Primavera de Praga. O projeto de mudanças era impulsionado pelo primeiro-secretário do Partido Comunista Tcheco (PCCh), Alexander Dubcek, eleito para o cargo em janeiro de 1968. Apoiado por uma ala liberalizante do partido, Dubcek propôs um conjunto de reformas na política e na economia, afastando-se do modelo imposto pela União Soviética.

As reformas divulgadas em abril, início da primavera na Europa, apontavam para uma descentralização da economia estatal, mais liberdade de imprensa e de expressão. Dubcek

também queria romper com o dogma do partido único, convocando uma Assembléia Nacional aberta a correntes políticas fora do PCCh. O conjunto de mudanças ficou conhecido como "um socialismo com face humana".

A Primavera de Praga era intolerável para a União Soviética, que temia que os demais países do bloco comunista fossem contagiados pela liberalização. Enquanto os tanques marchavam em direção a Praga, Dubcek e outros dirigentes eram presos e levados a Moscou.

A resistência pacífica da população conseguiu retardar o avanço dos tanques, por meio de sabotagens e sonegação de informações aos invasores, coordenadas por uma engenhosa rede clandestina de rádio.



Fotos CPDocJB



22 de agosto de 1976

FUNERAIS DE JUSCELINO REÚNEM MULTIDÕES

O ex-presidente Juscelino Kubitschek morre num acidente de automóvel no quilômetro 165 da via Dutra, próximo à cidade de Rezende (RJ). JK viajava de São Paulo para o Rio no banco traseiro de um automóvel Opala dirigido por seu secretário e motorista particular, Geraldo Ribeiro. O carro colidiu de frente com um caminhão, provocando a morte instantânea de seus ocupantes. Os funerais e o enterro do ex-presidente reuniram multidões no Rio e em Brasília, nas maiores homenagens públicas recebidas por um político brasileiro desde a morte de Getúlio Vargas.

Eleito presidente da República em 1955 pelo voto direto, JK era um dos políticos mais populares do país na época do golpe de 1964. Senador pelo PSD, planejava candidatar-se ao Planalto nas eleições que a Constituição previa para 1965 – canceladas pela ditadura. Juscelino apoiou a eleição indireta do general Castelo Branco, mas mesmo assim foi cassado e teve os direitos políticos suspensos em junho de 1964.

Foi alvo de vários Inquéritos Policiais Militares (IPMs), acusado de enriquecimento ilícito. Exilou-se na França, de onde tentou articular um movimento civil pelo retorno ao Estado de Direito – a Frente Ampla, uma aliança com o ex-pre-

sidente deposto, João Goulart, do PTB, e o ex-governador Carlos Lacerda, da UDN, que tinha sido o maior adversário de ambos. A iniciativa não prosperou.

Quando voltou ao Brasil, em 1974, JK estava afastado da atividade política e dedicava-se a escrever suas memórias, além de plantar café e criar gado numa fazenda em Luziânia (GO), próximo a Brasília. Tinha viajado a São Paulo para receber uma homenagem de antigos colaboradores de seu governo e decidiu ir ao Rio antes de retornar a Luziânia. A colisão na estrada o deixou desfigurado e ele só foi identificado pelos documentos que trazia na carteira. Era domingo e os corpos do ex-presidente e seu motorista foram levados para o Instituto Médico Legal no Rio.

JK tinha manifestado o desejo de ser enterrado em Brasília, a capital que havia sido construída em seu governo. Uma multidão recebeu o corpo no aeroporto de Brasília.

No final da tarde de terça-feira, 24 de agosto, a multidão impediu que o caixão fosse levado para o cemitério em um caminhão do Corpo de Bombeiros. “O povo leva!”, gritaram milhares de populares. Cerca de 200 mil pessoas fizeram o trajeto de oito quilômetros da catedral ao cemitério, levando o caixão sobre os ombros.

23 de agosto de 1978

O GENERAL CANDIDATO DO MDB À PRESIDÊNCIA

O Diretório Nacional do MDB lança a candidatura do general Euler Bentes Monteiro para disputar a Presidência da República com o candidato da Arena, general João Baptista Figueiredo, no Colégio Eleitoral. Diferentemente da anticandidatura de Ulysses Guimarães – uma forma de denúncia adotada pelo MDB em 1973 –, dessa vez o partido da oposição vislumbrava uma chance de dividir os militares e vencer a ditadura em seu próprio campo. A estratégia foi rejeitada por muitos setores da oposição.

O general Euler (pronuncia-se Óiler) fez carreira no Exército sem ter apoiado o golpe militar de 1964. Vinculado ao chamado “setor nacionalista” das Forças Armadas, foi presidente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) no período do general Costa e Silva.

Antes de optar pela candidatura de Euler Bentes, dirigentes do MDB avaliaram o apoio a um nome civil da Arena: o ex-governador e ex-ministro das Relações Exteriores Magalhães Pinto.

Pela primeira vez, desde o golpe, dois generais da ativa iriam disputar o Colégio Eleitoral. Euler Bentes seria derrotado por 355 votos a 226.



26 de agosto de 1999

CEM MIL MARCHAM CONTRA O GOVERNO

Oito meses após o início de seu segundo mandato, o presidente reeleito Fernando Henrique Cardoso enfrenta uma grande manifestação contra seu governo. O ato reuniu cerca de 100 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios em protesto contra as privatizações e a negligência do governo com casos de corrupção. O presidente Fernando Henrique Cardoso classificou a marcha de golpista, comparando-a às que antecederam o golpe militar. A popularidade de FHC, conquistada pelo êxito do Plano Real no primeiro mandato, caiu ao longo do segundo período, não permitindo que o presidente elege-se seu sucessor na eleição de 2002.

27 de agosto de 1980

CARTA-BOMBA EXPLODE E MATA NA SEDE DA OAB

Uma carta-bomba explode ao ser aberta na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no Rio. A explosão mata a secretária da presidência da entidade, Lyda Monteiro da Silva. No mesmo dia, também no Rio, explode outra carta-bomba no gabinete do vereador do PMDB Antônio Carlos de Carvalho, ferindo gravemente José Ribamar de Freitas, funcionário do escritório. Mais quatro pessoas sofrem ferimentos leves. Uma terceira bomba é detonada na redação da "Tribuna da Luta Operária", jornal do PCdoB.

Lyda Monteiro foi a primeira vítima da série de atentados terroristas contra entidades democráticas, jornais, livrarias e bancas de

jornais iniciada em 1979. Dez mil pessoas acompanharam o enterro da secretária da OAB. O general presidente João Baptista Figueiredo decretou luto oficial e disse que iria "levar o país à democracia (...), a despeito de quatro, vinte ou mil bombas que atirem sobre nossa cabeça".

A impunidade e os atentados continuariam ocorrendo e chegariam ao auge em abril do ano seguinte, quando militares planejaram a explosão de bombas num show de 1º de Maio, que reuniria 20 mil pessoas, no Riocentro. Uma das bombas explodiu antes da hora, matando um sargento e ferindo gravemente um capitão, ambos lotados no DOI-Codi do Rio.

22 de agosto de 2003

FOGUETE EXPLODE NA BASE DE ALCÂNTARA

Uma tragédia choca o Brasil e atinge o Programa Espacial Brasileiro. Às 13h26m de 22 de agosto de 2003, no Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão, o Veículo Lançador de Satélites (VLS) de 21 metros é acionado acidentalmente antes da hora. Com a ignição prematura, a torre de lançamento acaba explodindo, matando 21 pessoas que trabalhavam no local. As chamas consomem 40 toneladas de combustível. Investigação feita pela Aeronáutica concluiria que o acionamento fora de hora causado por uma peça que ligava o motor. A investigação acabou afastando as possibilidades de sabotagem, falha humana ou interferência meteorológica como causas da explosão.

21 de agosto de 1981

CONCLAT: SINDICATOS SE REÚNEM LIVREMENTE

Num desafio à ditadura e à legislação sindical autoritária, delegados de 1.091 sindicatos urbanos e do campo realizam em Praia Grande (SP) a 1ª Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat). A principal decisão do encontro foi eleger a Comissão Nacional Pró-Central Única dos Trabalhadores (Pró-CUT), organização sindical nacional e independente. A

Conclat foi a primeira reunião ampla de categorias diversas desde o golpe de 1964, que desarticulou a organização dos trabalhadores. A Conferência se realizou num momento de ascensão do movimento sindical e de avanço da luta pela redemocratização do país.

Mais de 5 mil delegados, na maioria eleitos diretamente pelas bases, participaram do encontro.



A PANDEMIA E O MATADOURO

O escritor matogrossense Joca Reiners Terron usa da alegoria e da narrativa tensa do thriller para contar uma história de carnificina nos anos da mortandade do coronavírus

Bia Abramo

O escritor matogrossense Joca Reiners Terron não poderia ter escolhido um cenário mais sinistro para o nono romance, "Onde Pastam os Minotauros". Um matadouro em algum lugar do Mato Grosso, terra já devastada há tempos pela criação de gado e pela matança de gado. Não sabemos exatamente onde fica a empresa de abate de animais, só que fica

próxima a um rio também deteriorado, mas isso importa menos do que o tempo da história: estamos ainda nos primeiros tempos da pandemia.

Sabemos disso nas primeiras páginas, quando se delineiam o Cão, o Crente e Lucy Fuerza, os dois abatedouros e a secretária que, sabemos logo, estão tramando alguma coisa. O Crente e o Cão, assim mesmo com nomes que demoraremos a saber, são dois trabalhadores de uma morte mecânica, suja e desagra-

dável, ainda que aparentemente necessária. Lucy, namorada do Cão, trabalha limpa e bem arrumada como secretária e faz-tudo administrativa no escritório da empresa.

O trio está no limite da pobreza, de uma pobreza que já conhecera dias mais dignos, mas que ainda não atinge a linha da miserabilidade dos que aguardam, ansiosos, junto à cerca, os rejeitos dos bois esquartejados e carneados. O negócio da carne para exportação é próspero; o frigorífico

abate os animais de acordo com as restrições alimentares kosher (judaica) e halal (islâmica). É nesse set dentro de um mundo deteriorado que vai se delineando aquilo que vamos percebendo que é uma espécie de conspiração entre o Cão, o Crente e Lucy.

Entremeados a esse fio narrativo principal, Joca Terron recorre a dois outros planos, o das memórias da infância e juventude dos personagens e o das alegorias mitológicas. Como uma espécie de fuga mítica do Cão, personagem cujo apelido já sugere um hibridismo entre o humano e o animal, ele reconta a história de Dédalo no labirinto e do monstro de cabeça de touro e corpo de animal. O quase devaneio poético, que volta às mitologias do Mediterrâneo e circunda o imaginário brasileiro, aos poucos conecta-se com a trama de vingança que se adensa a cada desdobramento da ação.

Numa prosa de textura cerrada, minimalista até, e ritmo de tirar o fôlego, Joca constrói uma história tensa, entre o thriller e a distopia. Como pelo menos desde "Noite Dentro da Noite" (2017), "Onde Pastam os Minotauros", novamente trata do fim de um certo Brasil ou, melhor dizendo, de uma certa promessa de Brasil que sua geração herdou - o autor nasceu em 1968 -, mas nessa vez na chave ainda mais dramática dos anos da pandemia.

Numa amostra do que o melhor da literatura brasileira tem produzido hoje, ou seja, o esforço de flagrar a vida que se desenrola nas franjas, Terron lança um olhar desencantado para os vários graus de degradação ambiental, social e cultural ao mesmo tempo que convida o leitor a torcer pelos seus personagens desgarrados, sobretudo quando se lançam num gesto que parece aventureiro, mas não disfarça o cheiro do desespero. •

ROMANCE PREMIADO GANHA REEDIÇÃO

No aniversário de dez anos de "O Drible", de Sérgio Rodrigues, a obra sobre futebol e paternidade é relançada em capa dura numa edição caprichada

Em comemoração aos 10 anos do lançamento original de "O Drible", o romance de Sérgio Rodrigues terá uma edição especial em capa dura e com novo prefácio, assinado pela atriz Fernanda Torres. Terceiro livro do professor e linguista, essa história sobre futebol, paternidade e o Brasil entre as décadas de 1960 e 1980 se tornou quase um daqueles clássicos instantâneos, ganhou um dos principais prêmios de literatura em língua portuguesa em 2014, o Portugal Telecom, e, ainda, se tornou referência como obra que aborda tema muito caro ao imaginário brasileiro, o futebol.

Nascido em Minas em 1962, Rodrigues pertence à geração contemporânea aos grandes feitos da Seleção Brasileira e uma era de ouro do futebol brasileiro também nos times locais do Sudeste. É desse universo que parte a história dos Murilos. O narrador Murilo Neto, que beira os 60 anos como um revisor de livros de auto-ajuda, solitário e amargo, está afastado há décadas do pai, um cronista esportivo que brilhou nos círculos jornalísticos e intelectuais do Rio de Janeiro nos anos 1950.

Além da relação conturbada, filho e pai partilham o culto a Pelé, um jogador que poderia ter sido ainda maior que Pelé e sobre o qual o jornalista escreve um livro. A notícia da doença do pai leva Murilo Neto de volta à

pequena cidade no interior de Minas, mesmo que a contragosto, numa jornada de reminiscências e acerto de contas.

O que torna o romance de Rodrigues especial é o tom nada conciliatório e nem tampouco sentimental desse reencontro. O filho não apenas odeia o pai, como acalentou, por anos, o plano de matá-lo. O pai, vaidoso e esquivo, talvez responsável por pelo menos uma tragédia familiar, talvez tenha cultivado relações escusas com a ditadura militar.

Livro construído a partir de muitos não-ditos e interditos dessa relação central, "O Drible" segue o passo rápido de uma prosa direta, cheia de referências à cultura pop, mas que não se oferece logo de cara. Com extremo domínio narrativo, Rodrigues semeia perguntas, desconfianças, revelações pela metade, pistas falsas de maneira a deixar o leitor enredado até o último parágrafo.

Nos confrontos e embates entre os dois Murilos, desfilam os contrastes entre aquele Brasil que poderia ter sido durante o respiro de democracia do nos anos mágicos do futebol campeão e o país que acabou se tornando depois dos 21 anos de ditadura. Não deixa de ser emblemático e oportuno que o relançamento de "O Drible" se dê, justamente, depois de termos atravessado um período em que a ameaça autoritária, novamente, se fez presente. • **Bia Abramo**



Guito Moreto

JOSÉ MURILO DE CARVALHO

Considerado um dos maiores intelectuais do país, o historiador e cientista político morre aos 83 anos. Ele estava internado com covid, no Rio. Em 2015, foi um dos primeiros a perceber a repolitização das Forças Armadas e dos riscos para a democracia

O Brasil perdeu na última semana um dos seus mais renomados intelectuais. Historiador, cientista político e integrante da Academia Brasileira de Letras (ABL) José Murilo de Carvalho morreu na madrugada de domingo, 13, aos 83 anos. Ele estava internado no Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro, por conta de um quadro da covid.

José Murilo de Carvalho era um intérprete do país e observador atento da cena institucional brasileira. Em 2015, escreveu um artigo no jornal *O Globo*, intitulado “Luz amarela”, chamando a atenção

para o discurso do general Hamilton Mourão, então comandante militar do Sul. Em 25 de agosto daquele ano, Dia do Soldado, Mourão disse diante da tropa em Porto Alegre que ainda havia muitos inimigos internos no Brasil, mas que os militares não estariam desprevenidos. “Eles que venham”, desafiou o general Hamilton Mourão, hoje senador e ex-vice presidente.

Escreveu o historiador para *O Globo*: “Ele [General Mourão] ainda vê, em pleno século 21, como real a ameaça comunista no país. Nas celebrações deste ano do 31 de março de 1964, diante de oficiais da reserva, celebrou os que

impediram que o país caísse ‘nas mãos da escória moral que, anos depois, o povo brasileiro resolveu por bem colocar no poder’”.

“As manifestações públicas do general Mourão (...) podem ser sintoma do surgimento do único perigo real para nossas instituições, o envolvimento político das Forças Armadas, um retrocesso de 30 anos”, alertou o historiador e cientista político. Ele lembrou que Mourão não havia sofrido nenhuma punição dos seus superiores. Em setembro daquele mesmo ano, o general voltou a fazer ataques políticos, dessa vez dirigidos à então presidente Dilma Rousseff.

O golpe veio um ano depois, com o afastamento de Dilma e o ressurgimento de militares na cena política brasileira, com a designação de Michel Temer para o Ministério da Defesa de um militar, o general Joaquim Silva e Luna, e a indicação do general Sérgio Etchegoyen para o Gabinete de Segurança Institucional (GSI). Daí para a tomada do poder pelos militares com Jair Bolsonaro foram apenas dois anos da ascensão de oficiais como figuras da fauna brasiliense. Ao ex-presidente, Carvalho não poupava críticas: “um bronco, totalmente inculto”.

Em 2019, Carvalho republicou o livro “Forças Armadas e política no Brasil”, originalmente lançado em 2005 e há muito esgotado. O livro traz ensaios e um texto inédito: uma reflexão sobre as transformações das forças militares nos últimos 30 anos. O autor analisa o percurso do Exército politizado desde o Império, passando pela Primeira República, Estado Novo, e ditadura militar.

José Murilo de Carvalho só resolveu se dedicar ao estudo dos militares por conta do golpe. Ele era estudante de sociologia e política na antiga Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte, quando ocorreu o golpe de 31 de março de 1964.

Militante da Ação Popular, de esquerda, ele escreve que ficou perplexo com a facilidade como se deu a vitória do movimento que depôs o então presidente João Goulart. A segunda surpresa foi quando os militares, em vez de devolver o governo aos civis, como em outras ocasiões, resolveram se instalar no poder e ali ficar por mais de 20 anos. Como conclusão do curso, José Murilo escreveu um trabalho sobre um modelo de relações entre civis e militares. E concluiu: “o Brasil continua a ser uma República tutelada”.

Em uma histórica entrevista ao

Globo em setembro do ano passado, ele se mostrava inquieto com a divisão do país e a então república bolsonarista, apontando que a desigualdade continua a ser o grande problema nacional. “Ela bloqueia o país. Quem ganha R\$ 100 mil paga 27, 5% de imposto e quem recebe R\$ 5 mil paga 27%, há pouca progressividade. Quando dei aula nos EUA, pagava 35%! Na Holanda, mais de 40%! O que me intriga é que vivemos em uma democracia, as pessoas votam. Mas o produ-

AS FORÇAS ARMADAS AINDA ESTÃO VENDO A AMEAÇA COMUNISTA EM PLENO SÉCULO 21. O PERIGO AINDA É A POLÍTICA NOS QUARTÉIS

to deste voto é um Congresso, uma elite, medíocre, preocupada com reeleição, em conseguir dinheiro, com o financiamento de milhões para os pleitos, mas não se passa legislação que afete desigualdade”.

Nesta entrevista, disse que o legado de Vargas, Lula e Fernando Henrique, apesar dos avanços, não eram sólidos, diante da ascensão da extrema-direita. “Vargas foi o primeiro a fazer uma legislação trabalhista e outras medidas importantes, mas

sempre dependendo do Estado. E pagou com a vida pela ousadia. Aí veio a Guerra Fria e os nossos militares consideraram-se tutores do regime. Com FH e Lula, me pareceu que estávamos entrando num caminho que nos levaria à frente. Achei que tínhamos resolvido problemas seriíssimos, como o da educação. Deu nisso que está aí”, lamentou.

José Murilo de Carvalho era parte da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Em nota, a presidente da academia, a cientista Helena Bonciani Nader, disse que o cientista político era um “grande intelectual, defensor da democracia, da história, da ciência, da cultura, das artes”.

Nascido em Andrelândia (MG) em 8 de setembro de 1939, José Murilo foi o 6º a ocupar a cadeira número 5 da Academia Brasileira de Letras. Sucedeu a escritora Rachel de Queiroz em 2004. É autor de 19 livros, dentre eles, “A formação das almas: O imaginário da República no Brasil” (1990), “Cidadania no Brasil: O longo caminho” (2001) e “Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi” (2019).

Acadêmico, José Murilo formou-se em sociologia e política na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1965. Era mestre e PhD em Ciência Política pela Universidade de Stanford, localizada na Califórnia, nos Estados Unidos.

O historiador e cientista político realizou dois pós-doutorados: no Departamento de História da Universidade Stanford (1976-77) e na Universidade de Londres, na Inglaterra, em 1982. Também cursou especialização em Metodologia de Pesquisa, na Universidade de Michigan (EUA). Era professor emérito da URFJ desde 2011 e pesquisador emérito do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. •

LÉA GARCIA MORRE AOS 90

Atriz sofreu infarto em Gramado, onde receberia no mesmo dia homenagem com Troféu Oscarito no Festival de Cinema. Ela foi indicada em 1957 como melhor intérprete em Cannes

A talentosa atriz Léa Garcia, que começou a carreira ainda nos anos 1950, morreu, na madrugada de terça-feira, 15, de um infarto, em Gramado (RS). Ela estava na cidade para receber uma homenagem com o Troféu Oscarito durante a 51ª edição do Festival de Cinema de Gramado. Ela chegou a ser encaminhada para o Hospital Archanjo São Miguel, mas chegou sem vida.

A organização do Festival de Cinema de Gramado lamentou: "Léa Garcia possuía uma história antiga com Gramado, conquistando quatro Kikitos". A atriz tinha 90 anos e já participou de mais de 100 produções no currículo, incluindo cinema, teatro e televisão. Ela já conquistou quatro Kikitos, com "Filhas do Vento", "Hoje tem Ragu" e "Acalanto".

Léa consolidou uma carreira de papéis marcantes em produções dramáticas como "Selva de Pedra", "Escrava Isaura", "Xica da Silva" e "O Clone". Ela foi peça fundamental na quebra da barreira dos personagens até então destinados a atrizes negras.

"Quando eu estava começando no mundo das artes ela já brilhava nas telonas. Léa Garcia é uma inspiração. Doce, gentil, talentosa, uma estrela, uma pérola. Precisamos reverenciá-la todos os dias", afirmou a atriz Zezé Motta.

A atriz receberia o troféu Oscarito na noite de terça-feira, ao lado de Laura Cardoso. De acordo com o Hospital Archanjo São Miguel, a causa da morte foi um infarto agudo do miocárdio. Ela havia che-

Reprodução



gado a Gramado no sábado, 12, acompanhada do filho, Marcelo Garcia. A atriz circulava diariamente pelo evento, onde acompanhou diversas sessões no Palácio dos Festivais.

Com uma célebre trajetória no mundo da arte dramática, Léa foi indicada ao prêmio de melhor interpretação feminina no Festival de Cannes em 1957 por sua atuação no filme "Orfeu Negro" que, em 1960, ganharia o Oscar de melhor filme estrangeiro, representando a França.

O filme é uma coprodução de França, Itália e Brasil e foi lançado em 1959. No dia 15 de maio daquele ano, levou a Palma de Ouro, em Cannes. Também imortalizou o Rio de Janeiro no imaginário mundial. Até o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse ter assistido ao filme.

O longa era baseado em uma peça teatral de Vinícius de Moraes, Orfeu da Conceição. Ele fazia um paralelo entre a vida nas favelas

cariocas e as celebrações da Grécia antiga. A ideia era levar o mito grego de Orfeu para o morro. O elenco era formado por 45 atores - todos negros.

Na trama, o motorista Orfeu cai de amores por Eurídice e desce do Olimpo da favela para o inferno do asfalto em busca de sua amada. 'Orfeu da Conceição' foi uma das peças de destaque que Léa fez no início da carreira. Cotada para encenar Eurídice, Léa Garcia se encantou com a personagem Mira (de quem Orfeu era noivo) e conseguiu o papel. No filme, em vez da Mira, a atriz viveu a Serafina (prima de Eurídice).

Léa Garcia foi peça fundamental na quebra da barreira dos personagens tradicionalmente destinados a atrizes negras. Era uma referência para jovens atores e admirada pela qualidade de suas atuações. Ela seguiu ativa nas artes cênicas. Em 2022, atuou nos longas "Barba, Cabelo e Bigode", "Pacificado" e "O Pai da Rita". •

VIOLÊNCIA NO BRASIL

desafio das periferias

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/violencia-no-brasil-desafio-das-periferias/>

Organização

Felipe da Silva Freitas

Amanda Pimentel | Artur Henrique dos Santos | Bruno Langeani | Dandara Tonantzin Silva Castro | Danilo Sales do Nascimento | Dudu Ribeiro | Felipe da Silva Freitas | Gustavo Queiroz | Jackeline Aparecida Ferreira Romio | Juliana Borges da Silva | Juliana Gonçalves | Maira de Deus Brito | Pablo Nunes | Paulo César Ramos | Poliana da Silva Ferreira | Ricardo Moura | Silvia Ramos | Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa

RECONEXÃO
PERFERIAS

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



BRASIL

200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC
EDITORA